



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

AVISOS GERAIS

No intuito de democratizar o conhecimento em torno de grandes obras da literatura clássica e contemporânea, o projeto de Leitura Dirigida é voluntário e 100% gratuito. Nenhum valor é cobrado para participar das aulas, nem para ter acesso a este material didático. Não recebemos nenhuma contrapartida, seja pública ou privada.

**SE VOCÊ TEM INTERESSE EM APOIAR
VOLUNTARIAMENTE O PROJETO, DOE QUALQUER
VALOR PARA:**

PIX:

CONTATO@MARIACAMILAMOURA.COM.BR

Muito obrigada e boa leitura!



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

APOIADORES VOLUNTÁRIOS DO PROJETO

Este projeto somente se torna possível e ainda mais enriquecedor em virtude da contribuição financeira voluntária de inúmeras pessoas, membros do canal do YouTube e do Instagram. Eu, Maria Camila Moura, e a nossa equipe, somos extremamente gratos a todos vocês por confiarem no nosso trabalho e, sobretudo, por incentivar a democratização do conhecimento. Em razão desse apoio, será possível roteirizar todas as aulas, permitindo que todos, no futuro, possam utilizar essa Leitura Dirigida como material de pesquisa. A lista dos apoiadores segue abaixo. Esse projeto não seria engrandecedor sem vocês. **MUITO OBRIGADA!**

AULA 1

Adriana Maldonado de Sant Anna Reinesch

Adriana Soutello Araujo

Adriele Augusto Vidal

Alcino Brasil

Alexandra Moreira Castro

Ana Helena Blasi Lemos

Ana Paula Theodosio de Carvalho

Andreia Vasconcellos

Camila Moura

Carla Machado

Carolina Chemin

Cassiane da Silva Costa

Celso Trancoso

Claudia Melo

Claudia Nardon

Clediane Oliveira

Daniela Brandão

Elaine Mattos Siqueira

Enrico Luiz Soffiati

Ezilda Maria Monteiro

Fernanda Cavalcanti

Gastão Jucá Filho

Germana Gomes

Giselda Tofoli

Gisele Barros de Carvalho

Gisele Santoro Mendes

Heloisa Damsceno

Inez Carnevale20

Janaina Sulva de Figueiredo

Joselena Maria Darc dos Reis

Juliana Ribeiro

Kátia Gentil

Leonardo Augusto Andrade

Mara Celi Candido

Marcela Brisighelli Schaefer

Marcia Gaspar

Maria Aparecida Chacon

Maria Loisa de Oliveira

Maria Lourdes Cysneiros Morais

Mariah de Carvalho Borges

Mariana Rodrigues

Marli Assis

Nadja Gadelha Ponte

Núbia Holanda



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

APOIADORES VOLUNTÁRIOS DO PROJETO

Este projeto somente se torna possível e ainda mais enriquecedor em virtude da contribuição financeira voluntária de inúmeras pessoas, membros do canal do YouTube e do Instagram. Eu, Maria Camila Moura, e a nossa equipe, somos extremamente gratos a todos vocês por confiarem no nosso trabalho e, sobretudo, por incentivar a democratização do conhecimento. Em razão desse apoio, será possível roteirizar todas as aulas, permitindo que todos, no futuro, possam utilizar essa Leitura Dirigida como material de pesquisa. A lista dos apoiadores segue abaixo. Esse projeto não seria engrandecedor sem vocês. **MUITO OBRIGADA!**

AULA 1

Patricia Albano Maia
Patricia Machado Orlandi
Paula Montenegro
Paula Ramos Mendes
Pollyana Vieira Gualberto
Renata Camillo Pimentel
Renata Maria Araujo Pinto
Rita de Cassia Campos Ber
Rosa Maria Kemp
Silvana Maria Porto

Soraya Nunes de Moraes
Tamara Rodrigues Araujo
Tatiana de Souza
Tiago Pereira
Vera Ferreira Pontes
Vera Regina Almeida Assreuy
Vitor Almeida
Vivian Annuseck
Zenaide Gomes de Oliveira
Zulmira Lacava



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

APOIADORES VOLUNTÁRIOS DO PROJETO

Este projeto somente se torna possível e ainda mais enriquecedor em virtude da contribuição financeira voluntária de inúmeras pessoas, membros do canal do YouTube e do Instagram. Eu, Maria Camila Moura, e a nossa equipe, somos extremamente gratos a todos vocês por confiarem no nosso trabalho e, sobretudo, por incentivar a democratização do conhecimento. Em razão desse apoio, será possível roteirizar todas as aulas, permitindo que todos, no futuro, possam utilizar essa Leitura Dirigida como material de pesquisa. A lista dos apoiadores segue abaixo. Esse projeto não seria engrandecedor sem vocês. **MUITO OBRIGADA!**

AULA 2

Adriana Soutello Araujo

Alcino Brasil

Alessandra Oliveira Coutinho da Silva

Alexandra Varoni

Amanda Fontes

Ana Cristina Brito

Ana Helena Blasi Lemos

Ana Paula Theodosio de Carvalho

Carla Machado

Cecilia Gomes

Claudia Melo

Eduiges Coutinho Oliveira

Elaine Mattos Siqueira

Fabiana Magalhães Barbosa

Fernanda Cavalcanti

Germana Gomes

Giselda Tofoli

Gisele Barros de Carvalho

Gisele Santoro Mendes

Inez Carnevale

Isabel Cintra Cassano

Ivanise Rebello

Jerusa Pordeus

Jose Marcos Gomes

Juliana Ribeiro

Kelly Cristina Diniz Porto

Margarete Paiva

Maria do Ceu Albuquerque

Maria Fatima Pires de As

Maria Lourdes Cysneiros Morais

Nataly Caetano

Nati Mara Rodrigues Catonio Nagata

Patricia Bertoglio

Paula Ramos Mendes

Renata Casto

Renata Correa

Renata Kelly Almeida Lima

Silvana Maria Porto Triandopolis

Vera Pontes

Vivian Annuseck

Zenaide Gomes de Oliveira



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

APOIADORES VOLUNTÁRIOS DO PROJETO

Este projeto somente se torna possível e ainda mais enriquecedor em virtude da contribuição financeira voluntária de inúmeras pessoas, membros do canal do YouTube e do Instagram. Eu, Maria Camila Moura, e a nossa equipe, somos extremamente gratos a todos vocês por confiarem no nosso trabalho e, sobretudo, por incentivar a democratização do conhecimento. Em razão desse apoio, será possível roteirizar todas as aulas, permitindo que todos, no futuro, possam utilizar essa Leitura Dirigida como material de pesquisa. A lista dos apoiadores segue abaixo. Esse projeto não seria engrandecedor sem vocês. **MUITO OBRIGADA!**

AULA 3

Alexandra Varoni
Ana Paula Theodosio de Carvalho
Angela Texeira
Antonia Lima dos Santos
Carla Nassif Marcomini
Carolina Chemin
Claudia Melo
Fernanda Cavalcanti
Germana Gomes
Giselda Tofoli
Gisele Santoro Mendes
Jerusa Pordeus
Juliana Facó
Juliana Ribeiro
Lucyene Soraya Perilli Ferreira

Luis Alberto Sandim
Marcia Luisa de Campos Gardin
Marina Bolsonaro
Mauro Vianna
Natalia Sousa
Nati Mara Rodrigues Catonio Nagata
Nette Lira
Nilce Moreira Ribeiro
Pollyana Vieira Gualberto
Renata Correa
Shellei das Graças Taite
Silvana Maria Porto Triandopolis
Tania Maria Croce Pires
Vera Regina Almeida Assreuy
Zenaide Gomes de Oliveira



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

APOIADORES VOLUNTÁRIOS DO PROJETO

Este projeto somente se torna possível e ainda mais enriquecedor em virtude da contribuição financeira voluntária de inúmeras pessoas, membros do canal do YouTube e do Instagram. Eu, Maria Camila Moura, e a nossa equipe, somos extremamente gratos a todos vocês por confiarem no nosso trabalho e, sobretudo, por incentivar a democratização do conhecimento. Em razão desse apoio, será possível roteirizar todas as aulas, permitindo que todos, no futuro, possam utilizar essa Leitura Dirigida como material de pesquisa. A lista dos apoiadores segue abaixo. Esse projeto não seria engrandecedor sem vocês. **MUITO OBRIGADA!**

AULA 4

Adriana Maldonado de Sant Anna Reinesch

Adriana Soutello Araujo

Ana Carla Ruivo

Ana Parreira

Antonia Lima dos Santos

Barbara Spini

Claudia Melo

Claudia Nardon

Daniela Domiciano Castilho

Elaine Mattos Siqueira

Felipe Labruna

Germana Gomes

Gisele Barros de Carvalho

Gisele Chaves Sampaio Alcantara

Heloisa Damasceno

Jerusa Pordeus

Juliana Ribeiro

Leila Loureiro

Mara Celi

Maria Clediane de Oliveira

Maria Cristina da Motta

Mariana Rodrigues

Marina Bolsonaro

Marli Assis

Micaela Barros Barcelos

Miriam Teresinha Evangelista Maccheroni

Moema Teixeira Silva

Niara Cunha

Paula Montenegro

Rosa Maria Kemp

Shellei das Graças Taite

Silvana Maria Porto Triandopolis

Tatiana de Souza

Zenaide Gomes de Oliveira



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

APOIADORES VOLUNTÁRIOS DO PROJETO

Este projeto somente se torna possível e ainda mais enriquecedor em virtude da contribuição financeira voluntária de inúmeras pessoas, membros do canal do YouTube e do Instagram. Eu, Maria Camila Moura, e a nossa equipe, somos extremamente gratos a todos vocês por confiarem no nosso trabalho e, sobretudo, por incentivar a democratização do conhecimento. Em razão desse apoio, será possível roteirizar todas as aulas, permitindo que todos, no futuro, possam utilizar essa Leitura Dirigida como material de pesquisa. A lista dos apoiadores segue abaixo. Esse projeto não seria engrandecedor sem vocês. **MUITO OBRIGADA!**

AULA 5

Adriana Maldonado de Sant Anna Reinesch

Adriele Vidal

Amanda Fontes

Ana Cristina Brito

Ana Helena Blasi Lemos

Antonia Lima dos Santos

Cláudia Girão

Claudia Melo

Claudia Nardon

Clediane Oliveira

Danielle Cramer

Elaine Mattos Siqueira

Fernanda Cavalcanti

Fernanda Cavalcanti

Flávia Paranhos

Germana Gomes

Giselda Tofoli

Gisele Barros de Carvalho

Gisele Santoro Mendes

Heloisa Damasceno

Jayne Costa Alves

Jerusa Pordeus

Juliana Facó

Juliana Ribeiro Dias

Mara Celi Candido

Margarete Paiva

Maria Almeida

Maria de Fatima Castro Cordeiro

Marina Bolsonaro

Nadja Gadelha Ponte

Paula Montenegro

Samuel Alves Faco

Shellei das Graças Taite

Silvana Maria Porto Triandopolis

Vivian Annuseck

Zenaide Gomes de Oliveira



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

INTRODUÇÃO

A Leitura Dirigida é uma iniciativa inteiramente gratuita que, com O Processo, de Franz Kafka, chega em sua 6ª Edição. Esse projeto foi idealizado em 2021 e se propôs, originalmente, a contemplar todos aqueles que não conseguiram se matricular no Clube de Leitura (A)Normal - um clube anual fechado, com inscrições anuais (geralmente, em fevereiro de cada ano) e ministrado por mim, [Maria Camila Moura](#). No Clube de Leitura (A)Normal, elaboramos uma curadoria anual minuciosa, por meio da qual lemos um livro por mês, até o fim do ano. Para tanto, idealizei uma metodologia única, em que cada obra é subdividida em seis aulas: autor, contexto, enredo, reflexões, dicas e tira-dúvidas. Atualmente, o Clube de Leitura (A)Normal está em sua 4ª edição e já é um dos maiores clubes de leitura online do Brasil.

No projeto de Leitura Dirigida, contudo, idealizamos uma proposta diferente. Como, no Clube de Leitura (A)Normal, nos propomos a analisar uma obra por mês, não poderíamos, jamais, impor a leitura de uma obra vasta e extensa. Deste modo, muitos dos grandes clássicos da literatura não se encaixavam no formato do nosso Clube anual. Então, a Leitura Dirigida, para além de acolher gratuitamente todos aqueles que não conseguiram se matricular no Clube de Leitura (A)Normal, se tornou também o lugar perfeito para analisarmos as grandes obras da literatura - seja contemporânea ou clássica, ficção ou não-ficção.

Na [primeira edição da Leitura Dirigida](#), ministrada originalmente de julho a outubro de 2021, analisamos, capítulo por capítulo, a obra [Longe da Árvore](#), de Andrew Solomon. Ao longo de 12 aulas ao vivo, percebemos, a partir das centenas de pessoas que acompanhavam ao vivo, o quão engrandecedor era ter um espaço aberto e democrático para discutir literatura. A obra de Solomon nos permitiu rever e repensar diversos conceitos que formamos - muitas vezes, à nossa revelia - acerca das relações parentais e identitárias.

Logo após, em novembro de 2021, iniciamos uma nova jornada com a [segunda edição da Leitura Dirigida](#), desta vez do grande clássico [Crime e Castigo](#), de Fiódor Dostoiévski, em homenagem ao bicentenário de seu nascimento, ocorrido em 11 de novembro de 2021. Foram 10 aulas inesquecíveis, repletas de trocas, de reflexões inéditas e de patrimônio intelectual incalculável. Nesta edição, pela primeira vez, disponibilizamos material didático gratuito, com mais de 100 páginas de conteúdo sobre o autor, ensaios, dicas, material gráfico, resumos dos capítulos etc. Este material ainda está disponível e, para acessá-lo, basta se cadastrar [aqui](#).

Durante a última aula da obra Crime e Castigo, disponibilizamos um formulário para que os participantes votassem qual livro gostariam de ler e de ser analisado na terceira edição da Leitura Dirigida. Alguns meses depois, fizemos uma ampla enquête no meu Instagram ([@mariacamilamoura](#)). Depois de uma acirrada disputa com Os Miseráveis, de Victor Hugo, a obra Os Irmãos Karamázov, de Fiódor Dostoiévski, foi a ganhadora de votos - e, assim, democraticamente, foi escolhida para ser o livro analisado no projeto.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Então, de novembro de 2022 a fevereiro de 2023, foram ministradas as 11 (onze) aulas relativas à [Leitura Dirigida de Os Irmãos Karamázov](#), de Fiódor Dostoiévski. E foram meses incríveis, repletos de discussões e reflexões sobre essa verdadeira catedral literária que traz consigo a síntese de toda a filosofia e a psicologia de Dostoiévski. Com os irmãos Karamázov - Dmitri, Ivan e Aliócha - tivemos acesso às mais profundas reflexões sobre o ser humano. Também foi disponibilizado material didático gratuito, que qualquer um pode ter acesso por meio deste [site de inscrição](#).

Ao final da Leitura Dirigida de Os Irmãos Karamázov, enviamos um formulário para que os participantes pudessem votar e escolher a próxima obra a ser analisada. A concorrência com Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa foi muito acirrada, mas, ao final, Anna Kariênina ultrapassou o candidato brasileiro e foi escolhida como a obra da 4º Edição da Leitura Dirigida. As aulas foram ministradas entre outubro de 2023 a janeiro de 2024, tendo sido a edição com a maior participação de leitores até agora. Você pode ter acesso às aulas completas [aqui](#). O material didático também está disponível gratuitamente, bastando realizar a inscrição [neste site](#). Depois, os participantes votaram e escolheram o primeiro escritor brasileiro da Leitura Dirigida: João Guimarães Rosa, com o seu grande clássico Grande Sertão: Veredas, que marcou a nossa inesquecível 5ª edição, cujas aulas podem conferidas na íntegra [aqui](#).

Então, é com muito orgulho que iniciamos, a partir do dia 02.12.2024, as nossas oito aulas, inteiramente gratuitas, sobre um dos maiores clássicos da literatura mundial, "O Processo", de Franz Kafka, será debatido e discutido por nós. **Sejam bem-vindos à 6ª Edição da Leitura Dirigida.**

CONHEÇA A IDEALIZADORA



Todas as aulas são ministradas por **Maria Camila Moura**, escritora, psicóloga clínica, palestrante, idealizadora do Clube de Leitura (A)Normal, colunista do Jornal Diário do Nordeste, mestre em psicologia pela Universidade Federal do Ceará e doutoranda em Saúde Pública pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Possui 5 pós-graduações, dentre elas em Filosofia.

Por meio do seu Instagram ([@mariacamilamoura](#)) e do seu canal no YouTube ([/MariaCamilaMoura](#)), sempre buscou promover a democratização do conhecimento que, muitas vezes, fica encastelado na academia e não atinge o grande público. Literatura, Psicologia, Arte e Pensamento Contemporâneo em geral são temas recorrentes em suas redes sociais. Além disso, por meio dos seus cursos digitais, principalmente a partir da primeira edição do Clube de Leitura (A)Normal, vem contribuindo para aumentar o patrimônio intelectual e difundir o pensamento crítico de milhares de alunos. Há mais de 5 anos, também, vem atuando para empresas nacionais e multinacionais, promovendo treinamentos e palestras sobre bem-estar, psicologia, pensamento crítico e diversos outros temas.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Deste modo, por meio dessa vasta experiência, Maria Camila Moura ministrará as aulas da Leitura Dirigida - gratuitamente - a todos aqueles que estiverem dispostos a aumentar patrimônio intelectual por meio das grandes obras da literatura. Foi, inclusive, com esse propósito, que a Leitura Dirigida foi idealizada.

[CONHEÇA O ESPAÇO CLAP](#)



O Espaço CLAP é uma plataforma inovadora que oferece cursos literários para expandir seus horizontes de conhecimento. Atualmente, a plataforma está disponibilizando, para adquirir separadamente, por valor democrático, as aulas dos livros das edições anteriores do Clube de Leitura (A)Normal. É uma oportunidade ímpar para ampliar o conhecimento em torno de grandes obras da literatura, expandindo o aprendizado apreendido ao longo da Leitura Dirigida. Por meio de conteúdos acessíveis e um amplo material didático de apoio, a nossa missão é possibilitar a fácil compreensão de assuntos complexos, visando a democratização do saber em torno da literatura, cultura, arte e pensamento contemporâneo.

Estão disponíveis, a preço acessível e democrático, diversos cursos sobre obras da literatura clássica e contemporânea, inclusive "A Morte de Ivan Ilitch", de Tolstói, que estudamos no Clube de Leitura (A)Normal de 2022. Todas as aulas foram ministradas nos Clubes de Leitura (A)Normal dos anos anteriores. [CLIQUE AQUI E CONHEÇA NOSSOS CURSOS.](#)

INFORMAÇÕES E REGRAS BÁSICAS DA LEITURA DIRIGIDA

Para evitar dúvidas e contratempos, assim como nos acercarmos de condutas éticas que facilitarão a condução e o aproveitamento das aulas, estabelecemos algumas regras básicas que nortearão toda a nossa jornada de doze aulas. Por favor, não deixem de ler:

1. Todas as aulas e o material didático são gratuitos e não haverá **NENHUMA** cobrança prévia, de qualquer valor, para ter acesso ao conteúdo completo das aulas. Se, em qualquer momento, você se deparar com a cobrança de valores para ter acesso ao conteúdo das aulas ou ao material didático, por favor, denuncie imediatamente ao nosso email do suporte: contato@mariacamilamoura.com.br



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

2. Todo o conteúdo audiovisual das aulas e o material didático são propriedade intelectual exclusiva de MCM Treinamento Intelectual. O mero fato das aulas serem gratuitas não dá o direito a terceiros de que se apropriem, reproduzam ou mencionem sem indicação da fonte. Qualquer comercialização das aulas, a título oneroso ou gratuito (como "bônus"), é inteiramente vedado e poderá ensejar a responsabilização civil e penal do responsável pela apropriação intelectual.

3. Faremos o possível para responder todas as dúvidas que forem realizadas durante as aulas ao vivo. Para isso, pedimos que elas sejam escritas em caixa alta ("CAPSLOCK" ativo) no chat ao vivo do YouTube, de modo a facilitar a identificação das perguntas no chat. Infelizmente, em razão da impossibilidade de suporte, não será possível responder perguntas que forem realizadas depois da transmissão das aulas.

4. O material didático será atualizado após as aulas e ficará disponível em uma biblioteca pública no website que será enviado a todos os cadastrados. Quando a atualização do material estiver disponível, informaremos por email, a todos aqueles que se cadastraram, o link de acesso.

5. Seja durante o chat ao vivo, seja nos comentários, não permitiremos e nem toleraremos qualquer tipo de discriminação ou ofensas. Existindo intenção deliberada de discriminar e/ou ofender o outro, o responsável será convidado a se retirar ou, caso insista, será banido do projeto.

6. Para outras dúvidas e política de dados, consulte a nossa [política de privacidade](#).

COMO POSSO CONTRIBUIR VOLUNTARIAMENTE?

Como dissemos acima, a Leitura Dirigida é um projeto inteiramente gratuito e não haverá nenhuma cobrança como pré-requisito para assistir as aulas. Porém, não há dúvidas de que há muito esforço - intelectual, de tempo e de suporte de conteúdo - envolvido neste projeto. Deste modo, qualquer contribuição é mais que bem-vinda e ajuda bastante na viabilização do projeto. Foram, inclusive, as generosas contribuições de vocês que possibilitaram a contratação de equipe de suporte para realizar a roteirização das aulas e a elaboração deste material didático, o que possibilitou largamente que o material seja utilizado, até hoje, como uma rápida fonte de pesquisa.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Sendo assim, a quem se interessar ou quiser contribuir para o projeto, existem inúmeras possibilidades:

1. **PIX** de qualquer valor para contato@mariacamilamoura.com.br;
2. **Superchat** ou **Supersticker** do YouTube, durante **as aulas ao vivo**;
3. "**Valeu demais**" do YouTube, para quem estiver assistindo as aulas gravadas.

Assim como fizemos na Leitura Dirigida anterior, incluiremos, no material de apoio, uma lista com todos os apoiadores voluntários. Seus nomes ficarão nos anais da Leitura Dirigida. É uma singela forma de agradecer - sem vocês, nunca conseguiríamos entregar o conteúdo das aulas e o material de apoio com a mesma qualidade.

CRONOGRAMA DAS AULAS

As aulas ao vivo serão ministradas ao longo de dois meses (de setembro a outubro de 2024) e serão divididas de acordo com intervalos entre páginas. Como se trata de uma obra sem divisão interna em capítulos, utilizaremos como base a edição de [Grande Sertão: Veredas da Editora Companhia das Letras](#). As aulas ocorrerão em dias de segunda-feira, às 19:00 (Horário de Brasília), e serão transmitidas ao vivo no [meu canal do YouTube](#). Somente é possível comentar - e, conseqüentemente, fazer perguntas - por quem estiver "logado" no perfil do Google e inscrito no meu canal. Se você estiver acessando esse material após o término das aulas ao vivo, você pode conferir as aulas por meio do YouTube. De todo modo, confira o calendário:

O PROCESSO
FRANZ KAFKA

SEGUNDAS-FEIRAS | 19H

02/12	INTRODUÇÃO: BIOGRAFIA E CONTEXTO HISTÓRICO
09/12	CAPÍTULO 1
16/12	CAPÍTULO 2
23/12	CAPÍTULOS 3 E 4

CALENDÁRIO

O PROCESSO
FRANZ KAFKA

SEGUNDAS-FEIRAS | 19H

06/01	CAPÍTULOS 5 E 6
13/01	CAPÍTULO 7
20/01	CAPÍTULO 8
27/01	CAPÍTULOS 9 E 10

CALENDÁRIO




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

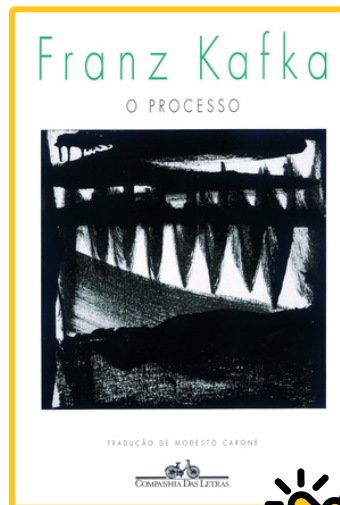
FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

EDIÇÕES SUGERIDAS

De modo geral, o leitor poderá utilizar qualquer versão de “O Processo” que possuir em casa para acompanhar a Leitura Dirigida. Contudo, não há dúvidas de que uma boa tradução pode potencializar a leitura e permitir uma imersão mais completa em torno de uma determinada obra. Sendo assim, a tradução de Modesto Carone, que além de exímio tradutor também foi um grande estudioso da obra kafkiana, sem dúvidas é a melhor opção. Atualmente, há três opções disponíveis com a mesma tradução, da Editora Companhia das Letras, em versões que diferem entre de si de acordo com o formato (edição de bolso, capa normal e capa dura). São elas:



Compre a sua edição clicando nas imagens acima e apoie nosso projeto.

Sejam todos bem-vindos(as) à nossa 6ª edição da Leitura Dirigida!



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONHEÇA O AUTOR: BIOGRAFIA DE FRANZ KAFKA



Franz Kafka

Franz Kafka nasceu em 3 de julho de 1883, na cidade de Praga. Sua família era judaica de classe média. Franz foi o primeiro de seis filhos do casal Hermann Kafka e Julie Löwy. Entretanto, ainda na sua infância dois de seus irmãos morreram pouco depois de nascer, de maneira que ele se tornou o único filho homem na família.

Sobre sua origem, é importante destacar que sua família judaica pertencia a uma minoria étnica, vivendo em um cenário majoritariamente cristã. Entretanto, a família não era tão assídua a sinagoga, muito menos

o Franz Kafka. Inclusive, ele chegou a se denominar como ateu por um tempo na juventude e, somente mais velho, se interessou pelo judaísmo. Aprendeu hebraico, mas nunca foi um judeu realmente praticante.

Na época em que Kafka viveu, Praga fazia parte do Império Austro-Húngaro. Nesse contexto, falar alemão corretamente (que era a língua corrente e a dos comunicados oficiais do Império) era um sinal de distinção social. Embora fossem tchecos e judeus, os pais de Kafka fizeram questão que os filhos falassem e escrevessem em alemão, e influenciaram que tivessem o alemão como primeira língua.

Assim, a língua materna de Kafka era o alemão. Ele escrevia, falava, trabalhava e se comunicava utilizando a língua alemã. Apenas poucas cartas que redigiu na vida foram escritas em outras línguas.

A família Kafka tentava se aculturar e se integrar à cultura do Império, mas não deixavam de ser “marcados” pela sua origem judaica. O período do final do Século XIX e o início do Século XX, na Europa, é marcado por um profundo crescimento do antissemitismo. Muitas ideologias associavam os judeus a pessoas gananciosas, que tiravam os trabalhos dos cristãos. Nessa época, iniciava-se com mais ênfase uma mentalidade de exclusão e extermínio dos judeus que iria ter seu ápice no holocausto nazista, durante a 2ª Guerra Mundial.

Nesse contexto, ser um judeu alemão, como Kafka, podia ser bastante penoso. Isso, certamente, impactou o modo de ser do autor. Para Kafka, nem sua língua materna era um lugar seguro, pois remetia a um rechaço e falta de sentimento de pertencimento. Sobre isso, Kafka disse que: “Que tenho eu em comum com os judeus? Quase não tenho nada em comum comigo mesmo, e deveria ficar quieto num canto, satisfeito por poder respirar.”



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONHEÇA O AUTOR: BIOGRAFIA DE FRANZ KAFKA

Embora alguns biógrafos ressaltem que o Kafka não era alvo de insultos antissemitas, o contexto que estava inserido podia lhe causar um sentimento de estranhamento e a sensação de ser estrangeiro em sua terra. Kafka retratou isso em seu diário e em cartas, como se pode observar nas passagens a seguir:

- “havia na minha classe talvez apenas dois judeus dotados de coragem, e ambos se suicidaram com um tiro enquanto ainda estavam na escola ou pouco depois”.
- “Passei a tarde na rua, banhando-me no antissemitismo popular. Há pouco ouvi dizer que os judeus eram uma “turba imunda”. Não é natural que a gente se vá de onde é tão odiada? (Não faz falta para isso nem o sionismo nem o sentimento nacional.) O heroísmo dos que apesar de tudo permanecem é o das baratas, que tampouco podem extirpar-se do quarto de banho.”

Essa aura de não pertencer a nenhum lugar e de estar imerso em um contexto que não lhe permitia encontrar um sentido ou uma identidade terá espaço em sua obra, inclusive em *O Processo*. Esse sentimento labiríntico estará presente em sua obra literária, e será um reflexo de sua própria vida.

Outro elemento que amplificava um profundo sentimento de não-pertencimento no autor era a sua relação com o pai, Hermann Kafka. O mal-estar identitário não provinha apenas do contexto macrossocial. Na verdade, Kafka não se sentia em casa em lugar nenhum. Inclusive, o maior estranhamento para Kafka era dentro de casa, no seio familiar, principalmente por causa da sua relação com seu pai.

Hermann é descrito pelos mais diversos biógrafos de Kafka, e pelo próprio Kafka, como um homem muito trabalhador e de personalidade marcante. Era um comerciante que tinha uma loja, estilo “armazinho” (local que vendia tecidos e utensílios de costura), que prosperou para um estabelecimento atacadista. Foi com esse negócio que sustentou a família e proporcionou a Kafka uma educação formal.

Ao que consta, Hermann era um homem forte e vigoroso, ou seja, muito diferente do próprio Kafka, que inúmeras vezes se descrevia como um homem fraco e inseguro. Desse contraste, nasceram inúmeras desavenças, muitas delas descritas de forma dolorosa no livro *Carta ao Pai*, de 1919, de Franz Kafka. Este pai, cheio de autoridade e autoritarismo, é retratado amplamente na obra de Kafka.

A figura de Hermann não necessariamente foi retratada como um personagem de pai, mas foi representado por meio de analogias e metáforas das mais diversas figuras de poder. Inclusive, na própria *Carta ao Pai*, Kafka fala literalmente que, nos seus escritos, expunha as queixas que não podia fazer diretamente ao pai. De forma recorrente na literatura Kafkiana, são retratadas relações assimétricas, com figuras opressivas e oprimidas, que remetem à relação paterna.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONHEÇA O AUTOR: BIOGRAFIA DE FRANZ KAFKA

Kafka falava repetidas vezes de como a figura paterna impactou negativamente na formação de sua personalidade e como a sua própria personalidade o impactava negativamente, lhe prejudicando em praticamente tudo. Kafka se descrevia como uma pessoa tímida e introspectiva, assemelhando-se mais à família materna. Ele dizia ter pouco da família paterna – que era mais vigorosa, enquanto ele se descrevia como mirrado e fraco.

Talvez, influenciado negativamente pela figura do pai, Kafka tinha uma baixa autoestima. Mesmo na vida adulta, ele não conseguiu ressignificar sua relação com o pai, de modo que pudesse se libertar de todo o mal-estar. Kafka permaneceu inseguro na vida adulta, inclusive, refletindo no que considerava sua maior vocação: a literatura.

Desde muito novo Kafka amava literatura, mas não via possibilidade de ser bem-sucedido neste terreno, então, ele foi fazendo outras escolhas, que seriam mais óbvias. Inicialmente, cursou química na faculdade, mas não chegou a concluir o semestre e mudou para o curso de Direito – um curso que ele sequer gostava, mas que agradava o pai e abria um maior leque de possibilidades de atuação. Com direito, seria mais fácil encontrar um emprego que não lhe exigisse muito, que lhe deixasse tempo para escrever.

Paralelo às suas obrigações formais com o Direito, Kafka sempre estudava literatura, se reunia com um grupo para discutir literatura e um dos membros desse grupo era seu grande amigo, Max Brod, que foi seu biógrafo e responsável pela publicação póstuma de suas obras. Inclusive, contrariando o pedido de Kafka de destruir seus escritos após sua morte.

Após a formatura em Direito, aos 24 anos, Kafka começou a trabalhar em uma companhia de seguros – um emprego bem burocrático, mas que lhe garantia o dinheiro para suas despesas. Esse trabalho o angustiava porque, além das atividades repetitivas e sacais, ele tinha uma jornada de 8h às 18h, o que lhe tirava o tempo para escrever. Apesar disso, Kafka, com frequência, era tido como um bom funcionário, de fácil relacionamento e que fazia o que era esperado dele.

Logo depois, Kafka conseguiu um emprego no Instituto de Seguros por Acidentes de Trabalho, onde possuía uma jornada bem menor e, conseqüentemente, tinha mais tempo para escrever. Porém, devido a sua péssima gestão de tempo, não conseguia conciliar o trabalho com a escrita, o que o angustiava muito. Esta dificuldade era agravada com uma crença que tinha fomentado enquanto escritor: queria escrever tudo de uma vez.

Apesar dos seus maus afetos em relação ao seu trabalho formal – não pelo trabalho em si, mas por ser um impeditivo para a literatura – Kafka era elogiado e promovido. O Brod chegou a afirmar que Kafka nunca teve um inimigo no Instituto e que ele era o “queridinho do escritório”.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

KAFKA FRANZ

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONHEÇA O AUTOR: BIOGRAFIA DE FRANZ KAFKA

Internamente, o mal-estar era agravado pelo fato do pai não o apoiar em ser escritor. O que, novamente, revela a dificuldade que Kafka teve se libertar da opinião e necessidade de agradar o pai, manteve refém imaginário mesmo na vida adulta, o que respingou nas mais diversas esferas da sua vida.

Sua insegurança e “fraqueza” está refletida em seus escritos – não somente no tocante ao conteúdo, sempre abordando relações opressivas e personagens oprimidos e fracos diante de algum absurdo; como sua personalidade também afeta seus escritos em relação à publicação deles. Ele tinha muita dificuldade de terminar uma obra e de publicar.

Esse “caos” marcava o processo de escrita do autor e marcou sua história literária: além de publicar pouco em vida, Kafka deixou muitos trabalhos inacabados, como *O Castelo* e *O Processo*. Muitos esboços e cadernos de Kafka não eram datados e, muitas vezes, ele escrevia trechos em diferentes partes. Sua escrita não era organizada e ele passava de um capítulo incompleto para outro. Foi o amigo Brod que organizou essas obras inacabadas e lançou postumamente, contrariando o pedido de Kafka.

O Processo, inclusive, talvez tenha sido seu escrito mais desorganizado: o autor pulava de um capítulo inicial para um outro capítulo mais para o final. Ele escrevia e reescrevia partes, colocava anotações meio obscuras, e não ficava claro se faziam ou não parte da obra. Max Brod arduamente colocou os capítulos em ordem, e, embora ainda não seja totalmente unânime, é a ordenação mais aceita da obra.

Kafka tinha talento e paixão pela escrita, mas seu processo de escrita era desgastante e terminar uma obra era um desafio para Kafka. O próprio ofício de escrever era em si labiríntico para o autor, e isso certamente influenciou sua obra.

Outro aspecto pessoal de Kafka de relevância foi a sua vida amorosa. Kafka tinha uma relação complicada e profundamente insegura com a família, o trabalho, a literatura, a sua personalidade e, claro, com as mulheres com que se relacionava. Nessa questão amorosa, a opinião do pai também pesava enormemente.

Na percepção de Kafka, casar-se e ser arrimo de família era algo muito associado ao seu pai. Pela lógica dos opostos, por ser o avesso do pai, logo, aquilo não seria algo para ele mesmo – sustentar uma família parecia praticamente impossível para Kafka. Essa impossibilidade não diz meramente de uma questão financeira, mas também de questões afetivas e da sua visão de casamento.

Nas biografias de Kafka e em seus diários, é possível observar que ele tinha certa indisponibilidade para uma vida a dois e tinha consciência disso, como escreveu em uma carta: “Para resumir: minha saúde é boa o suficiente apenas para mim, sozinho, não boa o suficiente para o casamento, e muito



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONHEÇA O AUTOR: BIOGRAFIA DE FRANZ KAFKA

menos para a paternidade". Mesmo assim, ele teve noivas, mas foram todos relacionamentos complicados.

Sua primeira noiva foi a Felice Bauer. Eles tiveram um relacionamento bem turbulento, iniciado em 1912. Foi um romance à distância – ela morava em Berlim e ele em Praga – e havia uma intensa troca de cartas. Eles ficam noivos em 1913. Eles terminam em 1914, por conta da distância, temperamentos diferentes e as questões próprias do Kafka (suas inseguranças e incertezas em formar uma família), mas reatam e rompem de novo, se desvinculando realmente em 1917.

Sobre esse noivado, Kafka escreveu: "De volta de Berlim. Minhas mãos e pés foram amarrados como se eu fosse um criminoso. Se tivessem me sentado num canto preso por correntes de verdade, postado policiais à minha frente e me deixado simplesmente olhando, não teria sido pior. E esse foi meu noivado".

Alguns biógrafos apontam que ele ficou noivo uma outra vez, em 1920, de uma mulher muito pobre chamada Julie Wohryzek. Sua escolha desagradava imensamente o Hermann Kafka e, segundo o próprio autor, isso teve interferência, contribuindo para o fim do noivado.

De 1920 até 1924, o ano de sua morte, Kafka teve outros affairs. Inclusive, chegou a morar com Dora Diamant, com a qual seus biógrafos citam que ele conseguiu ter um relacionamento mais sereno que os anteriores. Com exceção desse relacionamento, a vida amorosa de Kafka foi conturbada e marcada por distâncias, impasses e impeditivos.

A vida de Kafka, que já era repleta de dissabores, foi ainda marcada pelo seu adoecimento de tuberculose, que o acompanhou durante 7 anos e que o levou à morte. Ele foi diagnosticado em 1917, aos 34 anos. Desde então, ficou entre idas e vindas de sanatórios para tratamento até falecer aos 40 anos. Por causa da doença, seu corpo e sua saúde mental foram definhando. Ele fazia uma correlação da doença do corpo e "da alma".

Para ele, a doença nos pulmões "não é mais do que um extravasamento da enfermidade mental". A doença lhe fez sofrer muito. Em uma carta a Brod, após o amigo ter o visitado, ele escreveu: "O que vês nesta cama é muito pior do que uma execução e, sim, até do que uma tortura. É bem verdade que nós não inventamos as torturas, mas aprendemos sobre elas com as doenças, e homem nenhum ousa torturar como elas. Aqui a tortura prossegue por anos, com pausas de efeito para não se ir rápido demais".

Kafka morreu em um sanatório perto de Viena, na Áustria, em 1924. Relatos dão conta de que sua morte foi lenta e torturante. Devido à infecção grave causada na garganta por causa da tuberculose,




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONHEÇA O AUTOR: BIOGRAFIA DE FRANZ KAFKA

Kafka não conseguia se alimentar, pois a deglutição era extremamente dolorosa. Como, nessa época, a nutrição via sonda ainda não havia sido inventada pela medicina, não houve meios de alimentá-lo.

De forma agônica, ele morreu de fome, de desnutrição, sem conhecer a sua glória e o sucesso como escritor, que só viria de forma póstuma, após Max Brod começar a publicar seus escritos.

Pouco mais de uma década depois de seu falecimento, em 1939, houve a eclosão da Segunda Guerra e o extermínio de milhões de judeus, entre eles, sua própria família: todas as suas irmãs morreram em campos de concentração nazistas. Inclusive, os livros do Kafka foram queimados em público pelos nazistas e suas obras entraram em 1935 na Lista de obras nocivas e indesejáveis.

Curiosamente, alguns estudiosos de literatura apontam que as guerras impactaram na receptividade da obra de Kafka, que começaram a fazer sucesso pouco tempo depois de sua morte.

O reconhecimento nesse período foi enorme justamente por reverberar fortemente naquele público que vivenciou um momento sombrio da humanidade, em que o sentido de uma existência digna parecia muito distante. Era uma geração que tinha intimidade com o mal-estar, com os absurdos, com as relações opressivas e autoritárias – todas tão bem representadas na obra de Kafka. Suas obras foram abraçadas pelos existencialistas franceses, como Albert Camus e Jean Paul Sartre.

Vale dizer que seu reconhecimento não parou nesse tempo, e seguiu ao longo do caótico Século XX e Século XXI, tendo influenciado aqueles considerados como os maiores autores de todos os tempos: Camus, Gabriel Garcia Márquez, J.D Salinger, Saramago, etc.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONTEXTO HISTÓRICO

Para além dessa biografia da vida de Kafka – que é profundamente importante para compreender sua obra, seus enredos e seu estilo de escrita – há alguns elementos contextuais importantes para serem abordados.

Kafka nasceu e desenvolveu sua literatura em um contexto muito específico na história do ocidente: a “Era dos Impérios”, denominação do historiador Eric Hobsbawm. De acordo com Hobsbawm, a Era dos Impérios foi um período de expansão e domínio imperialista, no qual as potências europeias estenderam seu poder e influência por todo o mundo, inclusive para muitos países do oriente.

Durante esse tempo, o colonialismo atingiu seu auge, e grandes impérios como o Britânico, Francês, Alemão, Russo, Austro-húngaro, Otomano, entre outros, competiam entre si por meio da conquista e invasão de territórios. Para se firmar interna e externamente (inclusive, para gerir inúmeras colônias), esses Impérios necessitavam de um amplo grau de organização, burocratização e poder centralizado, através da comunicação e propaganda, incitavam em sua população os ideais de glória, de “valores”, a fim de que não se insurgissem e fragilizassem a unidade desses impérios.

Esse cenário imperial, portanto, promovia constantemente a limitação das liberdades individuais e a anexação de regiões com culturas, muitas vezes, díspares. A força desses impérios era tão grande sobre os cidadãos que era praticamente impossível escapar da burocracia e das instâncias de poder. Esse contexto gerava um clima de inescapabilidade enorme. No máximo, se poderia escapar de um império para o outro, isto é, de um regime de opressão para o outro.

Kafka nasceu e cresceu dentro desse contexto, especificamente no território do antigo Império Austro-Húngaro, que abrangia diversos países hoje da Europa Central e do Leste Europeu. No âmbito interno, o Império adotava uma forma de governo autoritária e centralizada no imperador.

Apesar disso, havia uma realidade específica: o Império Austro-Húngaro era uma monarquia dual. Ou seja, eram dois reinos juntos, Áustria e Hungria. Embora governados pelo mesmo imperador, havia conselhos e ministérios próprios de cada reino. Havia primeiro-ministro para cada um deles e toda uma classe política específica para cada reino.

Diante dessa realidade, para que esse formato de império pudesse vingar, era preciso muito controle: o Império adotava um sistema político altamente burocrático. Afinal, era preciso evitar a cisão interna e conflito de interesse entre os reinos. A burocracia cumpria o papel limitador de eventuais contestações inconvenientes. Embora, em tese, existisse certa possibilidade de contestar o sistema, a burocracia era tão complexa que, não raro, travava de tirar qualquer tipo de ímpeto.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CONTEXTO HISTÓRICO

Portanto, a burocracia do império Austro-Húngaro era caracterizada por sua rigidez e falta de flexibilidade. Os processos burocráticos eram frequentemente demorados. Os burocratas eram conhecidos por seguir estritamente as regras e procedimentos, muitas vezes sem considerar a eficiência ou as necessidades individuais.

A estrutura legal e o acesso aos tribunais era meio absurda: o Império tinha diferentes sistemas legais para diferentes regiões, que poderia variar de acordo com os grupos étnicos. Isso levou a uma multiplicidade de leis, incontáveis regulamentos e procedimentos legais, tornando o sistema jurídico extremamente caótico, complicado e difícil de entender.

Entender esse contexto, ajuda a compreender que isso possa ter influenciado Kafka a escrever todos esses cenários labirínticos, em que o protagonista se vê imerso em empecilhos incontornáveis, burocracias surreais, situações absurdas, malogradas. Essa burocracia complexa, obviamente, operava em todos os níveis do governo, inclusive no sistema jurídico do império, que será metaforizado e de certa forma ironizado em *O Processo*.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

A Parte 1 desse material contempla o primeiro capítulo da obra. “Alguém certamente havia caluniado Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum.” é assim que inicia a narrativa de O Processo – com um clima de indefinição sem que o leitor (ou o próprio narrador) saiba ao certo o que aconteceu. Há apenas uma suposição não comprovada (‘alguém certamente havia caluniado Josef K’) que irá se repetir durante toda a obra.

Após esse início, o leitor irá a conhecer o que aconteceu na manhã do personagem Josef K até ele saber que estava detido. Anna, a cozinheira da senhora Grubach (locadora de K), sempre ia lhe deixar o café às 8h, mas, neste dia, ela simplesmente não apareceu e isso nunca tinha acontecido antes. Além disso, os vizinhos, que moravam em frente a Josef K, lhe observavam com certa curiosidade pela janela.

Apesar desse estranhamento, Josef K toca a campainha para pedir seu desjejum e um homem desconhecido aparece. K pergunta ao homem quem ele era, mas este o ignora. K ainda comenta que Anna deveria lhe trazer o café e este homem repete essa frase no para as pessoas que estavam no cômodo ao lado, que gargalham sem que Josef entenda nada. O desconhecido só lhe diz que ‘é impossível’.

Inicialmente, K está confiante de si e pensa: “Quero ver que gente é essa que está no cômodo vizinho e como a senhora Grubach vai se justificar por esta perturbação.” Quando faz menção a sair do quarto, o homem o pergunta se ele não quer permanecer ali mesmo e ele diz: “Não quero nem permanecer aqui nem ser interpelado pelo senhor enquanto não se apresentar.”.

Josef sai do quarto e encontra outro homem no cômodo ao lado que lhe diz que ele não tem permissão para sair, pois está detido. Josef K não sabe porque está detido e estes homens alegam que não foram incumbidos de dizer o motivo dessa detenção. Inclusive, comentam que já estavam ultrapassando os regulamentos com tanta amabilidade.

A situação é incompreensível em si. Há um clima meio surreal e os vizinhos continuavam a olhar, mas Franz (um dos homens que estavam na cena) diz a K: “o senhor ainda vai perceber como tudo isso é verdade”.

Esses homens falam até dos destinos das roupas e pertences de K, que estava usando um camisolão e, provavelmente, passaria a vestir um pior. Dizem para ele não se preocupar porque eles zelariam por suas coisas e o devolveriam ao final. Comentam que seria melhor não deixar os pertences no depósito, mas com eles mesmos, afinal, no depósito sempre acontecia algum desfalque (e mencionam a questão de supostos subornos, já indicando que havia um sistema corrupto).



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

Neste início, K nem dava muita importância ao direito de ainda dispor de suas coisas, pois, para ele, era mais importante chegar a uma clareza sobre aquela situação toda. Teoricamente, 'K. ainda vivia num Estado de Direito' e tudo aquilo era tão surreal que só poderia ser uma comédia. Talvez, seus colegas do banco estivessem lhe pregando uma peça, pois, justo nessa manhã, ele fazia aniversário de 30 anos. Pensa que talvez, bastasse ele entrar na brincadeira, rir e todos gargalhariam juntos.

Segundo o narrador, K "tendia a levar as coisas pelo lado mais leve possível, a crer no pior só quando este acontecia, a não tomar nenhuma providência para o futuro, mesmo que tudo fosse ameaça."

Josef tenta agir e procura sua identidade, mas só encontra sua certidão de nascimento. Ele mostra os documentos aos guardas e quer que os guardas mostrem os deles também, mas, ao invés de se identificarem, os guardas reparam como K não quer se submeter à sua situação e parece empenhado em irritá-los. Esses guardas, na verdade, eram subalternos que sequer conheciam as leis ou o motivo de sua detenção.

O dever deles era simplesmente vigiar K dez horas por dia. Eles agiam de modo meio duvidoso – um deles, por exemplo, até toma o café da manhã que era do K. Um desses guardas diz a K que: "Nossas autoridades, até onde as conheço, e só conheço seus níveis mais baixos, não buscam a culpa na população, mas, conforme consta na lei, são atraídas pela culpa e precisam nos enviar – a nós, guardas. Esta é a lei."

Josef K ainda tenta argumentar que não conhece essa lei e que isso só existia na cabeça deles, mas o guarda responde: 'o senhor irá senti-la'. Essa pequena tentativa de contra-argumentar coloca K em uma situação delicada, pois um dos guardas (Franz) comenta com outro guarda (Willem): "ele admite que não conhece a lei e ao mesmo tempo afirma que é inocente". Ou seja, parece que há uma lógica no absurdo.

Josef K, um trabalhador com bom cargo no banco, estava sendo detido sem saber o motivo e por guardas subalternos. Ele começa a pensar que se falasse com alguém do seu nível, tudo se esclareceria. Por isso, pede para lhe levarem ao superior deles. Aqui, o leitor se depara com a lógica do poder e a valorização das pessoas que detém esse poder – lógica esta que não estava impregnada só no sistema e na sociedade, mas internalizada em K.

Porém, os guardas, que indiferentes a essa suposta superioridade, falam que assim que o superior deles quiser, falará com Josef K. Recomendam a K para voltar ao quarto e "não se distrair com pensamentos inúteis, mas se concentrar, pois grandes exigências serão apresentadas ao senhor. Não




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

nos tratou como a nossa boa vontade teria merecido. Esqueceu-se de que, não importa o que formos, diante do senhor somos no mínimo homens livres, e essa superioridade não é pequena.”.

Parece, então, que o poder não era mais o dinheiro ou alto emprego, mas a liberdade. Diante deste cenário, K pensa até em levar as coisas ao extremo, saindo de uma vez daquele espaço, mas se lhe agarrassem e lhe jogassem no chão, perderia de fato toda a superioridade que insistia em achar de si.

Aos poucos, sem perceber, Josef K vai se inserindo nessa lógica. Era absurdo ter que voltar ao quarto sem nem saber o motivo de tudo aqui, mas ele segue calado e ainda fica surpreso em ser deixado sozinho no quarto, afinal, ele pensa que tinha dezenas de possibilidades de se matar. Mas, ao mesmo tempo, nem teria motivo para isso: “Seria tão sem sentido se matar que, mesmo que desejasse fazê-lo, não seria capaz, por causa dessa falta de sentido.”

Então, por segurança, Josef K segue o curso daquela situação bizarra e volta para o seu quarto sem dizer nada. Apesar de tudo, ele ainda estava confiante de que as coisas se esclareceriam. Também pensa que estava perdendo o turno de trabalho no banco, mas como ocupava um cargo relativamente alto, era fácil se desculpar. Pensa, inclusive, que poderia apresentar a senhora Grubach ou os velhos do outro lado da rua como testemunha.

O inspetor o manda chamar. Quando ele vai saindo do quarto, o mandam voltar, pois ele não poderia ver o inspetor vestido com seu camisolão. Ele teria que ir de paletó preto. Diante dessa exigência, Josef K diz “mas ainda não é a audiência principal.” (ou seja, mesmo diante do absurdo, ele normaliza isso dentro de uma suposta lógica). Ele até repara que os homens não estavam de uniforme. Reclama que são cerimônias ridículas, mas veste seu melhor traje preto.

Josef K já está tão inserido nessa lógica de absurdo – ocupando o lugar do oprimido e ainda querendo tanto sustentar seu lugar de superioridade – que ainda acreditou estar em vantagem, porque os guardas esqueceram de força-lo a tomar banho.

Enfim, já vestido para encontrar o inspetor, Josef K se direciona ao quarto ao lado, que era da senhorita Bürstner – que ele mal conhecia, só tinha trocado uns cumprimentos. Ela era uma datilógrafa que saía muito cedo e, normalmente, chegava tarde, principalmente quando ia ao teatro. O inspetor estava no quarto dela atrás da mesa de cabeceira que haviam colocado no meio do quarto. No quarto, ainda estavam três homens olhando as fotografias da senhorita Bürstner.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

O inspetor, então, se dirige a Josef K, dizendo que ele deve estar surpreso e K responde: “Sem dúvida estou surpreso, mas de modo algum muito surpreso.” Novamente, sua fala é mal interpretada e ele explica “estou muito surpreso, mas quando se está há trinta anos no mundo e foi preciso abrir caminho nele sozinho, como é o meu caso, fica-se endurecido diante das surpresas, e elas acabam não sendo levadas tão a sério.”

Ele se atrapalha um pouco na fala. Não quer dizer que tudo ali é uma brincadeira, mas aquilo não podia ter tanta importância assim. Não consegue descobrir a mínima culpa da qual pudessem o acusar (ou seja, aqui os fatos ainda importariam), mas diz que, para ele, os fatos são secundários e o importante mesmo é quem o acusava: “Tiro essa conclusão do fato de ser acusado e não conseguir descobrir a mínima culpa da qual me pudessem acusar. Isso também é secundário, a questão principal é: por quem sou acusado? Que autoridade conduz o processo?” Isto é, o que importa mesmo não são os fatos ou o estado de direito, mas quem tem poder e conduz o processo.

O inspetor diz que é secundário no caso de Josef K e que não sabe quase de nada. K recebe, então, outro conselho: “posso entretanto aconselhar o senhor a pensar menos em nós e no que vai acontecer e mais em si mesmo. E não faça tanto alarde do seu sentimento de inocência, isso perturba a impressão não exatamente má que de resto o senhor transmite. Deveria também ser mais reservado ao falar; quase tudo o que disse antes poderia ter sido deduzido do seu comportamento, ainda que tivesse dito apenas algumas palavras; além disso, não foi nada de extremamente favorável ao senhor.”

Mesmo já imerso na lógica absurda, Josef K responde que aquilo não fazia sentido e age dentro da lógica de que o que importa é quem tem poder, pedindo para telefonar para o promotor público Hasterer que é seu amigo. O inspetor diz que não saber qual o sentido disso, deixando, obviamente, K indignado. Mesmo o inspetor dizendo para ele telefonar, ele diz que não quer mais, inserindo-se mais ainda na lógica daqueles que lhe detém.

Josef K ainda tenta outra estratégia, propondo conciliar tudo aquilo com um aperto de mãos e estende a mão ao inspetor, acreditando que ele iria apertá-la. Entretanto, o inspetor pega um chapéu da senhorita Bürstner e coloca. Diz que para K tudo parece simples e que isso não seria possível, mas ele não deveria se desesperar, pois estava apenas detido, nada mais do que isso.

Depois dessa cena toda, o inspetor diz que bastava por aquele dia, liberando o Josef K para ir ao banco trabalhar. Isso deixa K confuso, mas o inspetor lhe explica que estar detido não deve impedi-lo de exercer sua profissão, tampouco de ficar tolhido no seu modo de vida habitual. Então, Josef K conclui que “então estar detido não é tão ruim” e aquele anúncio da detenção, era, então, desnecessário. O inspetor ainda diz que era um dever, mas K considera um dever estúpido.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

O inspetor diz que, para facilitar a chegada de Josef K ao banco, tinham colocado três colegas a disposição (que eram os três homens que estavam olhando as fotos da senhorita Bürstner). Quando o inspetor comenta isso, K repara que esses homens eram funcionários subalternos e não seus colegas. Esses funcionários eram o Rabensteiner (rígido, mãos balouçantes), o Kullich (loiro, olhos encovados) e Kaminer (insuportável sorriso, contração crônica nos músculos). Para irem mais rápido, Kaminer chama o carro.

No caminho para o banco, Josef K nota que não havia percebido a partida do inspetor. Pensa que, talvez, esses três funcionários tivessem ocultado essa saída, então, K se propõem a observar as coisas com mais acuidade.

Normalmente, Josef K trabalhava até 21h e, depois, fazia algum passeio (ia a uma cervejaria até 23h ou era convidado pelo diretor para um passeio de automóvel ou jantar em sua mansão). Uma vez por semana, ia na casa de uma jovem chamada Elsa, que trabalhava como garçone de manhã e, a noite, só recebia visitas deitadas. Entretanto, nesse dia atípico que estava vivendo, após o trabalho, K foi direto para casa. Para ele, era necessário reestabelecer a ordem de tudo o que tinha acontecido na casa da senhora Grubach e, quem sabe, depois, tudo retomaria ao antigo curso da vida.

Quando ele chega ao prédio que morava, encontra um rapaz parado na frente e o interroga sobre quem era, que lhe responde dizendo que era o filho do zelador. Então, ele entra e vai até a senhora Grubach, que estava costurando. Josef K achava que era seu melhor e mais dileto inquilino e, talvez, por isso, se justifique à ela. Comenta que a deu um trabalho extra por causa dos homens que estiveram lá, mas a senhora Grubach faz pouco caso e diz que foi nenhum trabalho especial. K diz a ela que aquilo não vai acontecer de novo e ela o repete e lhe faz uma nova recomendação “mas acima de tudo o senhor não deve levar isso muito a sério.”

A senhora Grubach diz que escutou os guardas conversando e que Josef K está realmente detido, mas não como um ladrão. Se fosse como um ladrão seria ruim. Ela diz: “a impressão que eu tenho é de algo sábio, que não entendo, mas que também não é preciso entender.” Entretanto, para K., absolutamente nada daquilo era sábio e, segundo ele, ‘fui atropelado, essa é a verdade’.

Ao mesmo tempo que ele diz que foi atropelado – isto é, que algo lhe aconteceu à revelia – também se atribui certa culpa, achando que teria algum poder no curso das coisas se tivesse agido diferente. Ele diz que “Se logo depois de acordar eu tivesse me levantado e, sem me deixar confundir pela ausência de Anna, tivesse me dirigido à senhora, sem levar em conta ninguém que aparecesse no meu caminho, se dessa vez tivesse tomado o café da manhã excepcionalmente na cozinha e mandado



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

a senhora buscar minhas roupas no quarto, em suma, se eu tivesse agido com sensatez, então nada mais teria acontecido, tudo o que ainda estava para acontecer teria sido logo sufocado. Mas estamos tão pouco preparados!"

Para Josef K, se tudo aquilo tivesse acontecido no banco, ele estaria preparado, pois teria um auxiliar, mesa, telefone e o mais importante: "lá estou sempre em contato com o meu trabalho, por isso mesmo alerta" (para refletir: qual o papel do trabalho na formação das subjetividades que vivem em um sistema opressor?).

Enfim, Josef K não queria mais falar sobre aquilo, mas queria saber o julgamento da senhora Grubach e estava feliz por eles estarem de acordo sobre o que aconteceu. Ele diz que ela deveria lhe dar a mão para reforçar esse acordo. É algo tão simples, mas ele se questiona se ela lhe daria a mão, afinal, o inspetor não deu. Para ficar mais desconcertado, a senhora Grubach, se levantou, meio embaraçada, falando para ele não se afligir tanto e, de fato, esqueceu o aperto de mão.

Josef K, então, pergunta pela senhorita Bürstner, que ainda não havia chegado. Queria se desculpar com ela, já que usou o quarto para falar com o inspetor e haviam mexido em suas fotografias. A senhora Grubach diz que não é necessário, pois o quarto já havia sido arrumado e que K é consciencioso demais. Ainda fala que a senhorita nem saberia de nada e mostra a ele que o quarto estava intacto.

Josef K comenta que a senhorita Bürstner muitas vezes chega tarde em casa. A senhora Grubach confirma e diz que jovens são assim mesmo. Ele responde: "sem dúvida, sem dúvida... mas isso pode ir longe demais." A senhora Grubach concorda e diz que não quer caluniar a senhorita Bürstner, que era uma moça boa e trabalhadora, mas que ela devia ser mais ativa e recatada. Nesse mês, comenta que já a viu com dois homens diferentes em ruas distantes e isso não é a única coisa que a torna suspeita aos seus olhos.

Josef K não gosta do comentário e adverte que a senhora Grubach está indo por um caminho inteiramente errado. Ele fica irritado e diz que conhece bem a senhorita Bürstner (embora só tenha trocado cumprimentos com ela). A senhora Grubach tenta se defender, dizendo que não falou nada demais. Apenas é do interesse de todo inquilino conservar a pensão limpa. K, em um arroubo, diz que se ela quiser conservar limpa a pensão, precisa primeiro lhe despejar e fecha a porta.

Depois disso, ele fica aguardando a senhorita Bürstner chegar para falar com ela. Enquanto espera, pensa em mudar de pensão, mas reconhece que talvez isso fosse só pelos incidentes da manhã.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

Com a demora da senhorita, ele chega a pensar que ela é culpada por ele não ter jantado e não ter ido ver a Elsa, mas pensa que poderia ir depois da conversa.

A senhorita Bürstner só chega às 23h30. Josef K a chama e começa a tentar explicar o que aconteceu pela manhã. Embora o quarto já estivesse todo arrumado, ele sente a necessidade e um dever de relatar o que houve, assim como lhe relataram sua detenção. A senhorita o desculpa pelo incidente, pois não vê vestígio de nenhuma desordem. Só depois percebe que as fotos estão desarrumadas.

Josef K começa a falar do ocorrido, contando que era uma comissão de inquérito (ele que estava nomeando assim) e comenta que ela não deve ter muita experiência em questões judiciais. Ela confirma, mas informa que, no próximo mês, irá trabalhar como auxiliar em um escritório de advocacia. Ele diz que ela poderá ajuda-lo, afinal, era sua questão deveria ser muito mesquinha para chamar um advogado mesmo, bastava um conselheiro.

Nessa conversa, a senhorita fala que “o tribunal tem uma força de atração singular, não é?”, corroborando com aquela frase anterior que as autoridades são atraídas pela culpa. Ela estava cansada do dia e queria que Josef K se retirasse, mas ele ainda queria falar mais e demonstrar como tudo se passou. A senhorita, então, diz: “estou tão cansada que permito mais do que convém”.

Josef K faz sua exposição sobre o acontecido. Relata os detalhes de onde estavam os jovens e que do trinco da janela pendia uma blusa branca. Nessa descrição, ia esquecendo dele mesmo, a pessoa mais importante. Imita o inspetor lhe chamando e, com isso, faz barulho ao bater na porta da sala vizinha.

A senhorita Bürstner fica super constrangida, pois o sobrinho da senhora Grubach, um capitão, dormia lá desde a noite passada. A senhorita tenta colocar Josef K para fora e, mais uma vez, ele apela para a lógica de que tem poder e diz: “Parece não estar vendo que é uma coisa desagradável, mas de modo algum um perigo. Sabe como a senhora Grubach — que é quem decide neste caso, sobretudo porque o capitão é sobrinho dela — simplesmente me venera e acredita sem restrições no que eu digo. Além disso, ela depende de mim, pois eu lhe emprestei uma soma considerável. Aceito qualquer das suas propostas de explicação para o fato de estarmos juntos, uma vez que ela corresponda pelo menos um pouco ao objetivo, e me comprometo a fazer com que a senhora Grubach acredite nessa explicação não só diante das pessoas, mas também real e sinceramente. Nisso não precisa absolutamente me poupar. Se quiser que se espalhe a notícia de que eu a ataquei, a senhora Grubach será instruída nesse sentido e acreditará nisso sem perder a confiança em mim, tal o apego que tem à minha pessoa.”



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

É tudo tão ridículo e desconfortável que a senhorita Bürstner agradece, mas não aceita suas propostas e pede para ele ir embora. Antes de sair, Josef K ainda pergunta se ela está zangada, que lhe responde que nunca fica brava com ninguém. Já na porta, K a agarra e a beija na boca e no rosto inteiro como um animal sedento, depois no pescoço. Tudo isso acontece sem que ele sequer sabia o primeiro nome da senhorita.

Ainda sobre essa cena, Josef K disse a senhorita Burstner que tudo que viveu foi horrível, mas logo em seguida, o narrador diz que K “nesse momento não pensava nisso, estava completamente cativado pela visão da senhorita Bürstner”. De volta ao seu quarto, K estava satisfeito com seu próprio comportamento, mas se admirou por não estar mais satisfeito ainda. Por causa do capitão se preocupava com a senhorita Bústner e adormeceu. Assim termina o primeiro capítulo.

Alguns pontos importantes sobre a primeira parte. Primeiramente, o tom de toda narrativa é definido. Há uma suposição não comprovada e nenhuma alegação legal, apenas uma detenção injustificada e bizarra, que permite ao personagem Josef K ir trabalhar.

Um ponto importante é perceber o título da obra O Processo. Isso significa que o leitor não diante de um julgamento legal, mas de um processo que irá ocorrer. A lei parece ser inacessível. As pessoas de poder, como o inspetor, já deram mostras de também serem inacessíveis ao cidadão e que as coisas depende da vontade de quem tem esse poder.

Parece que pouco importa a identidade de Josef K nesse início, o que pode levar o leitor a se questionar sobre o que mais não importará no decorrer do enredo. Também há a presença de vizinhos curiosos, que podem ser um prenúncio de outros curiosos ao longo do caso de K. Outro ponto importante é o fato de o tribunal ser atraído por culpa e ninguém está livre desse sentimento.

Talvez, o ponto principal desse começo de narrativa seja o motivo pelo qual Josef K entrou na lógica da situação e os três conselhos que recebeu:

- 1 - recomendam que ele volte ao quarto e “não se distrair com pensamentos inúteis, mas se concentrar, pois grandes exigências serão apresentadas ao senhor”;
- 2 - Outro conselho: “posso entretanto aconselhar o senhor a pensar menos em nós e no que vai acontecer e mais em si mesmo. E não faça tanto alarde do seu sentimento de inocência, isso perturba a impressão não exatamente má que de resto o senhor transmite. Deveria também ser



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 1

mais reservado ao falar; quase tudo o que disse antes poderia ter sido deduzido do seu comportamento, ainda que tivesse dito apenas algumas palavras; além disso, não foi nada de extremamente favorável ao senhor.”;

- 3 - Nova recomendação: “mas acima de tudo o senhor não deve levar isso muito a sério.”

Esses pontos são importantes para despertar a atenção do leitor no decorrer da obra, finalizando, assim, a primeira parte desse material.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

A parte dois do material de apoio aborda o segundo capítulo – chamado “primeiro inquérito”. Como o próprio nome sugere, haverá um inquérito, porém, bem diferente do que acontece, normalmente, em diversas democracias atuais, baseadas em um Estado de Direito, onde o acusado tem direito a saber com clareza todas as etapas de um processo que pode resultar em uma acusação ou condenação.

O termo Estado de Direito refere-se a um modelo de organização política e jurídica no qual o poder estatal é limitado por um conjunto de leis, sendo essas leis previamente estabelecidas e aplicadas de forma imparcial, tanto aos governantes quanto aos cidadãos. Uma decorrência básica desse modelo é a previsibilidade e as regras jurídicas que precisam estar bem claras. No Brasil, atualmente, o Estado de Direito é uma premissa básica (ou deveria ser) para o funcionamento do Estado e do Poder Judiciário.

A importância do Estado de Direito para a democracia reside no fato de assegurar a previsibilidade e a justiça nas relações entre os indivíduos e o Estado, embora, na prática, nem sempre aconteça assim. Mesmo no Brasil, uma democracia, os meandros dos procedimentos judiciais são tão complexos, repletos de burocracias e termos jurídicos incompreensíveis, que a esmagadora parcela da população não faz ideia do que pode acontecer ao longo de um processo.

É justamente o que Kafka irá trazer a partir de agora: uma narrativa que parece tão atual que assusta. Josef K é avisado sobre esse inquérito em um telefonema no seu trabalho. Ele é informado (embora o leitor não saiba de onde vem as informações) que, no domingo seguinte, haveria um pequeno inquérito sobre seu caso – provavelmente aconteceria quase toda semana para seu caso andar rápido.

O inquérito é considerado a fase inicial de um processo criminal. Durante essa fase, o responsável pelas investigações (no caso da obra, o Juiz de Instrução) irá ordenar diligências, interrogatórios, ouvir possíveis testemunhas, coleta de provas etc. – algo que lembra o papel do delegado na fase de inquérito policial no Brasil. Esse responsável irá investigar se determinada denúncia ou acusação tem elementos de prova que gerem certa suspeita ou presunção de culpa.

Retornando ao enredo, o domingo havia sido o dia escolhido justamente para não perturbar Josef K na sua atividade profissional. Isso já pode causar certo estranhamento quanto ao sistema em si, pois apresenta uma detenção que deixa a pessoa detida seguir a vida normalmente, no qual é explicado a lógica de pequenas audiências, semanalmente.



Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

Por mais que em Kafka repetidas vezes se observe a opressão de um sistema perante cidadãos comuns e indefesos, a escolha do domingo seria para não atrapalhar o trabalho de Josef K. Inclusive, se ele quisesse outro dia ou no turno da noite, iriam atendê-lo na medida do possível. Isso não é nem uma questão para K. que iria no horário que disseram “evidentemente ele precisava comparecer sem falta”, afinal, “o processo estava em marcha e ele precisava detê-lo, o primeiro inquérito deveria também ser o último.”

Assim que ele termina essa ligação, o diretor adjunto pede para usar o telefone. Esse diretor até o convida para ir a uma festa em seu veleiro no domingo, falando que haverá conhecidos de Josef K, como o promotor Hasterer, aquele para o qual ele havia pensado em ligar ao ser detido.

Josef K e esse diretor nunca se deram muito bem. Por isso, K vê esse convite como uma tentativa de reconciliação. Além disso, o convite, de certo modo, mostrar que K havia se tornado importante no banco. O convite era uma humilhação para o diretor. O narrador ainda diz que K lhe causa uma segunda humilhação, negando o convite, pois disse que não tem tempo e já tem outro compromisso.

Um ponto importante sobre isso é que ao mesmo tempo que essa negação, teoricamente, para Josef K, humilharia o diretor, por outro, mostra como o tal processo está mexendo em sua rotina e escolhas. Talvez, se não tivesse esse inquérito, K fosse a festa. Ou seja, já age como alguém que não é totalmente livre.

O diretor faz a ligação dele e Josef K fica ali perto do telefone, meio distraído, pensando no processo. Seria o primeiro inquérito e tinham indicado o dia e o endereço – que seria em uma casa em uma rua bem longe no subúrbio no qual ele nunca tinha estado. Aparentemente, a rua citada existe mesmo e ficava em um subúrbio que Kafka frequentava ocasionalmente.

Josef K estava absorto em seus pensamentos, quando o tal do diretor adjunto termina sua ligação. K leva um susto e, para se desculpar de ter ficado ali parado, diz ao diretor que tinham lhe telefonado, falando que ele deveria ir a um lugar, mas esqueceram de dizer que horas. Porém, ele diz que não é tão importante (o que torna sua recusa de ir a festa em uma desculpa meio esfarrapada).

Diante dessa indefinição do horário, Josef K pensa que seria melhor ir no domingo, às 9h, porque era a hora que todos os tribunais, normalmente, começavam a funcionar nos dias da semana. Novamente, K está denotando uma lógica a esse sistema jurídico bizarro.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

No domingo, o tempo estava meio turvo. Josef K estava bem cansado, pois, no dia anterior, tinha ficado até tarde em uma cervejaria. Ele quase se atrasa e nem toma café para ir ao tal do primeiro inquérito. Ele cruza com aqueles três funcionários que tinham estado no quarto da senhorita Bürstner – Rabensteiner, Kullich e o Kaminer.

Ele se apressa para chegar às 9h, mesmo que não tenha tido um horário definido (o que demonstra a falta de clareza das informações), mas, ao mesmo tempo, pensa que “não tinha a mínima vontade de se rebaixar diante da comissão de inquérito com uma pontualidade excessiva.” Talvez por isso, a medida que foi adentrando mais, K andou mais devagar, como se o juiz o visse de alguma janela.

Neste trecho, é possível observar algumas desvirtuações da lógica que deveria nortear um processo em um Estado de Direito – tanto do princípio da legalidade (ou seja, que ninguém está acima da lei) quanto ao caráter da previsibilidade (ou seja, todos têm direito a saber previamente o motivo da detenção e a autoridade que a determinou) e o princípio da publicidade (ou seja, o acusado e a sociedade em geral precisam ser informados com detalhes específicos sobre os passos seguintes).

O que Kafka faz aqui, de modo magistral, é demonstrar que o mero detalhe de inexistir um horário específico para que Josef K compareça ao tribunal causa um abalo psicológico ao acusado, que começa a se questionar se o que faz ou o que deixa de fazer pode ser interpretado erroneamente. A impressão que o escritor passa é que o tribunal começa a rodear e imergir na estrutura psíquica de K. Todos os seus atos parecem ser vigiados e monitorados.

Esse aspecto é ressaltado pelo fato de que a audiência ocorre em um domingo, como também pela presença de Rabensteiner, Kullich e Kaminer em seu caminho, justamente quando estava se dirigindo ao tribunal. Começa a haver um sentimento de clausura e alguma força onisciente criada pelos homens para subjugar outros homens.

No caminho, Josef K pensa que ia reconhecer à distancia a casa onde aconteceria o inquérito. Talvez, houvesse algum sinal ou algum tipo de movimento diferente na entrada. Porém, ao chegar no local, K percebe que os prédios são todos parecidos e uniformes. Ali, moravam pessoas pobres que estavam ali vivendo sua rotina de domingo.

Já era um pouco mais de 9h da manhã quando Josef K havia se deparado com os prédios. Havia várias escadas e ele não sabia qual deveria usar. K chega a ficar irritado porque ninguém havia lhe indicado o melhor caminho: “sem dúvida o tratavam com estranha negligência ou indiferença, ele pretendia deixar isso registrado em alto e bom som.”



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

Ele escolhe uma das escadas e lembra do que o guarda Willem havia dito de que o tribunal é atraído pela culpa. O que importa é que se isso fosse verdade, a audiência ficaria na escada que K escolhesse. No caminho ao subir, atrapalha umas crianças que estavam brincando na escada, que olham de modo meio hostil, e ele chega a pensar que: “Quando eu voltar aqui da próxima vez, preciso trazer doces para conquistá-las ou então a bengala para as espancar”.

Josef K queria saber onde seria sua audiência, mas, ao mesmo tempo, não podia perguntar pela comissão de inquérito, pois não iria se expor para aqueles moradores. Então, K inventa que estava procurando um carpinteiro e pensa em perguntar em todos os apartamentos pelo tal carpinteiro, assim, olharia para dentro das casas e saberia se era o local da audiência. Entretanto, na maioria das casas, as portas ficavam abertas e as crianças entrando e saindo. Só quando a porta estava fechada que ele batia para perguntar pelo fictício carpinteiro.

Esse trajeto toma um certo tempo de Josef K. Quando ele chega no quinto andar e bate na primeira porta, uma jovem, que estava lavando roupas de criança, abre a porta para ele. K vê um pequeno cômodo com um grande relógio de parede que marcava 10 horas. Ele pergunta pelo carpinteiro e a jovem simplesmente lhe responde: “entre, por favor” e aponta para o aposento vizinho. Inicialmente, Josef K acreditava estar entrando em uma assembleia, mas era um local de teto baixo (algumas pessoas levaram até almofadas para colocarem entre a cabeça e o teto), cheio de gente, com um clima de apreensão e ninguém se importava com sua chegada (nessa cena, como em quase todo o capítulo, há um clima meio fantasmagórico).

Os ditos da autoridade: “o tribunal é atraído pela culpa” se aplica perfeitamente a como Josef K encontra essa sala de audiência. Enquanto tentou se utilizar de um estratagema lógico e racional (perguntar pelo carpinteiro Lanz), K não conseguiu encontrar o tribunal, mas apenas um labirinto que lhe fez peregrinar de porta em porta. Justamente quando desiste de sua logicidade e apela para uma estratégia inteiramente inconsciente e aleatória, ele acerta a porta.

Tudo é tão estranho que Josef K faz menção de sair, dizendo que procurava o tal carpinteiro, mas a mulher fala que, depois dele, precisaria fechar o local e ninguém mais poderia entrar. Nisso, um jovem pega K e fala: “venha”, que se deixa conduzir naquela multidão. Havia um caminho estreito no meio da multidão, que a separava em dois grupos (direito e esquerdo).

Era tudo estranho. A maioria das pessoas estavam vestidas de preto, com velhos casacos de festa e isso desconcertava Josef K. O narrador diz que se não fosse isso, ali poderia ser uma assembleia política do distrito. Ao mesmo tempo, essa cena passa a ideia de onisciência e de metáfora




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

para lembrar que o tribunal pode estar em qualquer lugar, mesmo dentro de uma casa aleatória de pessoas comuns. É quase como a “teletela” de 1984, de George Orwell – uma espécie de big brother em que tudo e todos são observados pelo tribunal, até mesmo nos espaços privados da vida íntima.

Nesse local, também havia um homem pequeno e gordo que estava sentado em uma mesa, conversando e gargalhando com outro. Ele nem notou o jovem conduzindo Josef K que queria falar com ele. Quando percebe, diz que K deveria ter aparecido há uma hora e cinco minutos atrás. K não teve nem tempo de se manifestar, pois surgiu um burburinho na metade direita da sala. O tal homem repete que K deveria ter chegado há uma hora e cinco minutos e o murmúrio fica mais forte.

Ao invés de Josef K pontuar que não haviam lhe informado o horário marcado, ele decide mais observar que falar. Por isso, não se defendeu da acusação de suposto atraso, apenas disse: “Pode ser que eu tenha chegado tarde, mas agora estou aqui.”. Nisso, as pessoas da ala direita aplaudem e K pensa que seria fácil conquistar aquelas pessoas. Porém, ao mesmo tempo, fica preocupado com o silêncio do povo da ala esquerda: “Ele refletiu no que poderia dizer para conquistar todos de uma vez ou, caso isso não fosse possível, para também ganhar, pelo menos temporariamente, os outros.”

Apesar do atraso, Josef K sobe no estrado para que o homem possa inquiri-lo. O juiz de instrução consulta um livro de notas que estava sobre a mesa e pergunta se K é pintor de paredes, que o responde que é primeiro procurador de um grande banco. Isso provoca uma risada na ala direita e K ri com eles – as pessoas à esquerda permaneciam mais em silêncio, só um ou outro que agiam como o pessoal da direita).

Depois disso, Josef K começa a discursar, acreditando que estava falando o que as pessoas esperavam ouvir. Ele diz que essa pergunta/afirmação do juiz sobre ele ser pintor de paredes era característica do tipo de processo que moviam contra ele: “O senhor pode objetar que não se trata de maneira alguma de um processo, e tem toda razão, pois só é um processo se eu o reconhecer como tal. Mas neste momento eu o reconheço, de certa forma por piedade. Não se pode ter outra coisa senão piedade, se se deseja levá-lo em consideração. Não digo que seja um processo desleixado, mas gostaria de lhe oferecer essa definição como forma de autoconhecimento.”

Quando ele fala isso, todos ficam em silêncio, sendo interrompido pela chegada de uma jovem lavadeira. O juiz pega seu caderninho, mas Josef K diz que não adianta nada porque esse caderno também confirma o que ele está dizendo. Ele fica seguro de si, pois todos estavam calados enquanto ele falava. Ele vai ficando mais confiante e, simplesmente, pega o caderninho da mão do juiz, levanta com a ponta dos dedos e diz:




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

“Estes são os autos do processo do juiz de instrução — disse e deixou o caderno cair sobre a mesa. — Continue tranquilamente a ler, senhor juiz de instrução; desse livro de acusações eu na realidade não tenho medo, embora ele seja inacessível a mim, pois só posso apanhá-lo com dois dedos e não tomá-lo na mão.”

Josef K lança o caderninho na mesa e o juiz o pega de volta. Todos ficam olhando para K, que continua a falar: “o que aconteceu comigo é somente um caso isolado, e como tal não muito importante, já que eu não o levo muito a sério, mas é um indício de como se move um processo contra tantas pessoas. É só por elas que eu falo, não por mim.”. Quando Josef K fala isso, seu tom de voz sobe e alguém até bate palma e grita bravo.

Toda a cena e a atenção recebida anima Josef K. Mesmo não tendo sido aplaudido por todos, pensava que estariam pensando sobre o caso e que, eventualmente, um ou outro fosse conquistado por sua persuasão. Ele chega até a dizer: “Não quero o êxito de um orador — disse K. a partir dessa reflexão —, nem poderia consegui-lo. O juiz de instrução provavelmente fala muito melhor, faz parte da sua profissão. O que quero é apenas a discussão pública de um agravo público.”

Depois disso, começa a explicar o que lhe aconteceu, que foi detido há cerca de 10 dias. Embora a detenção em si não o preocupasse, todo o ocorrido lhe importunava: “Além do mais, esses guardas eram gentinha desmoralizada, encheram-me os ouvidos de conversa fiada, quiseram se fazer subornar, com promessas enganosas quiseram subtrair minhas roupas íntimas e minhas vestes”. É como se ele pontuasse a assimetria entre aquelas pessoas e sua suposta superioridade, debochando das autoridades e do sistema processual.

Josef K. relata sobre o que aconteceu no quarto da senhorita Büstner e diz não foi fácil manter a calma, mas conseguiu. Também fala dos três funcionários: “Naturalmente a presença desses funcionários tinha um outro objetivo: da mesma forma que a minha locadora e a sua empregada, eles deveriam espalhar a notícia da minha detenção, prejudicar a minha reputação e especialmente abalar minha posição no banco. Nada disso porém foi alcançado, nem minimamente; até a minha locadora, uma pessoa muito simples — quero mencionar aqui o seu nome para honrá-la, ela se chama senhora Grubach —, até a senhora Grubach foi compreensiva o bastante para perceber que essa detenção não significava mais do que um ataque, como o que jovens insuficientemente vigiados promovem na rua. Repito, tudo isso só me trouxe transtornos e irritação passageira, mas não poderia ter tido também consequências piores?”



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

Nessa hora, Josef K acha que o juiz de instrução fez um sinal com os olhos para alguém da multidão e diz a todos que o juiz estava dando um sinal secreto, mas que ele renunciava a saber o significado de tal sinal: “renuncio em plena consciência a ficar sabendo o significado do sinal. Para mim ele é completamente indiferente e eu autorizo de público o senhor juiz de instrução a dar aos seus prepostos pagos, aí embaixo, ordens com palavras em voz alta, e não através de sinais secretos, dizendo por exemplo ‘Agora assobiem!’ e da próxima vez ‘Agora aplaudam!’”.

As pessoas que estavam dos dois lados apontavam para Josef K e para o juiz, gerando um burburinho. K diz que termina sua fala e bate com os punhos na mesa, mas diz que aquelas pessoas, se o escutassem, poderiam tirar grande proveito de sua fala. Ter aquela plateia em silêncio, lhe escutando, gerava uma satisfação, por isso, ele continuou falando. As coisas vão tomando um rumo ainda mais delirante do que a própria realidade até ali.

Josef K diz que: “não há dúvida de que por trás de todas as manifestações deste tribunal, no meu caso por trás da detenção e do inquérito de hoje, se encontra uma grande organização. Uma organização que mobiliza não só guardas corrompíveis, inspetores e juizes de instrução pueris, no melhor dos casos simplórios, mas que, além disso, de qualquer modo, sustenta uma magistratura de grau elevado e superior, com o seu séquito inumerável e inevitável de contínuos, escriturários, gendarmes e outros auxiliares, talvez até de carrascos, não recuo diante dessa palavra. E que sentido tem essa grande organização, meus senhores? Consiste em prender pessoas inocentes e mover contra elas processos absurdos e na maioria das vezes infrutíferos, como no meu caso. Diante dessa falta de sentido do conjunto, como evitar a pior das corrupções entre os funcionários? É impossível, nem o supremo magistrado teria êxito.”

Ele acusou absolutamente todos que tivessem qualquer envolvimento com o tribunal de serem corruptos. No meio dessa acusação tão grave e tensa, ele é interrompido, pois, no fundo da sala, a lavadeira que tinha entrado e um homem estavam tendo uma espécie de relação, formando um pequeno círculo ao redor deles. Diante dessa cena, K quis correr até lá para tentar reestabelecer a ordem.

No entanto, não só ninguém se mexeu nas primeiras fileiras – o que impedia a passagem de K – como o puxaram pela gola. Diante disso: “K. não pensava mais no casal, para ele era como se a sua liberdade fosse restringida, como se levassem a detenção a sério, e ele saltou do estrado sem levar mais nada em conta.”.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 2

Ele fica na dúvida se tinha feito um julgamento correto, se tinha sido confiante demais em seu discurso e se questionava se as pessoas tinham fingido suas reações enquanto ele tinha feito seu discurso. Enquanto pensava nisso, Josef K olha para as pessoas e percebe que embaixo das barbas dos homens, nas golas dos seus casacos, todos tinham insígnias de tamanhos e cores diversos – tanto o pessoal da direita como o da esquerda (até o juiz tinha). Ou seja, eles não eram grupos diferentes, mas um único: todos tinham alguma relação de unidade com o tribunal.

Nesse momento, para ele, todos os presentes faziam parte dessa mesma unidade, logo, também eram corruptos: “todos vocês são funcionários; pelo que estou vendo, são vocês o bando corrupto contra o qual eu falei, vocês se reuniram aqui como ouvintes e espias, formaram partidos de fachada, um dos quais aplaudiu para me testar; vocês queriam aprender como se deve enganar um inocente! Bem, espero que não tenham estado inutilmente aqui: ou conversaram sobre alguém que esperava de vocês a defesa da inocência ou então – deixe-me em paz, senão eu bato! – gritou K. a um ancião trêmulo que avançava demais sobre ele –, ou então aprenderam realmente alguma coisa. E com isso eu lhes desejo boa sorte no seu trabalho.”

Depois disso, simplesmente, ele pega seu chapéu e, sob o silêncio da surpresa de todos, abre caminho até a saída. Porém, o juiz de instrução parece ter sido mais rápido do que ele e já o esperava na porta. Ele diz a Josef K de que hoje, ainda que não tenha chegado à sua consciência, ele se privou da vantagem que um inquérito representa para um detido. Diante dessa informação, K ri e diz: “Seus vagabundos (...) podem ficar com todos os seus inquéritos.”, abre a porta e sai correndo. E assim termina o enredo do segundo capítulo.

Alguns pontos importantes sobre a segunda parte:

- O clima de absurdo segue no segundo capítulo, com as situações sendo apresentadas com certo tom onírico.
- Vai ficando mais evidente a naturalização do absurdo e de como Josef K vai inserindo nessa lógica.
- A vaidade e suposta superioridade de Josef K ficam notáveis nesse capítulo.
- A preocupação de Josef K com que os outros pensavam e a impressão que causava nas pessoas também fica bastante evidente. Aparentemente, tem pensado pouco no que pode acontecer e como o inspetor disse no primeiro capítulo: “posso entretanto aconselhar o senhor a pensar menos em nós e no que vai acontecer e mais em si mesmo.”



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

A parte três do material de apoio contempla os capítulos 3 e 4, juntamente com alguns apontamentos e reflexões. No final do capítulo 2, Josef K saiu do local onde seria seu inquérito com sua altivez contra todos aqueles supostos corruptos que estavam presentes, porém, ao longo dos capítulos, K não sustentará essa postura mais firme e ativa, beirando a indiferença.

Por mais que ele tenha dito ao juiz “podem ficar com todos os seus inquéritos”, Josef K passou a semana esperando uma nova comunicação sobre a continuidade de seu processo, pois não podia acreditar que levaram a sério sua renúncia aos inquéritos. K fica ansioso porque, depois daquela cena, absolutamente mais nada lhe foi comunicado sobre os próximos passos de seu processo. Ao invés dele seguir sua vida, K simplesmente supõe que deveria voltar ao mesmo local e horário no domingo seguinte.

Ao retornar ao local do seu inquérito, Josef K parecia estar legitimando o poder do tribunal. Ao chegar, uma mulher – a mesma que estava tendo uma espécie de relação sexual na audiência de K – abre a porta e diz que naquele dia não teria audiência. K a questiona “por que não deveria haver audiência?” – ou seja, o absurdo daquela casa ser um tribunal aos domingos já estava totalmente internalizado e naturalizado. O tribunal o atrai e não há mais a necessidade de ninguém ir à sua casa para dizer que está detido – ele mesmo despense seu domingo indo até o local. Josef K vai adentrando neste labirinto.

De fato, não teria audiência e o espaço estava um pouco diferente do domingo anterior, quando tinha sido seu inquérito. Aquele espaço, onde houve a audiência, na verdade, era onde essa mulher e o seu marido, um oficial de justiça, moravam. Nos dias de audiência, eles esvaziavam a sala para ter mais espaço e cedia para que acontecessem os inquéritos.

O local do primeiro inquérito não apenas era bizarro (pé direito tão baixo que algumas pessoas levavam até almofadas para colocar entre a cabeça e o teto), no meio de um prédio residencial popular, mas também era a residência desse casal. E essa mulher, que era casada e morava nessa casa, estava tendo uma relação sexual no meio da audiência de Josef K com um estudante. K comenta que o fato dela ser casada o espanta.

Então, a mulher explica que não teve intenção de prejudicar o discurso de Josef K na audiência. Ela explica que aquele estudante futuramente terá mais poder – ou seja, não só o poder é válido, mas a promessa de poder também o é – e que ele a persegue por achar atraente. Por isso, não há como negar (como se não houvesse defesa) e até seu marido se conformou, afinal, ele tem que aceitar para manter o emprego. Diante dessa realidade tão absurda, K não se mostra surpreso – novamente, a aceitação do absurdo.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

A mulher, que era lavadeira, conta que, depois que Josef K foi embora da audiência, as pessoas se mostraram desfavoráveis a ele. Entretanto, ela se agradou do discurso dele, embora só tenha escutado uma parte, pois chegou atrasada e perdeu o final, por conta do envolvimento com o estudante.

Provavelmente, por causa do que ela escutou sobre Josef K, ela diz a ele: ‘com certeza quer melhorar alguma coisa aqui, não é?’; e pergunta se K acredita que vai conseguir alguma melhora. K responde que não está incumbido de promover melhoras, mas que “fui forçado a intervir aqui, na verdade em causa própria. Se ao mesmo tempo eu também puder de alguma maneira ser útil à senhora, é evidente que gostaria muito de fazê-lo. Não só por amor ao próximo, mas também porque a senhora pode me ajudar.”

Para começar a ajudá-lo, ele sugere que ela poderia mostrar a Josef K uns livros que estava na mesinha que o juiz de instrução havia usado no domingo anterior e que ela, pouco tempo antes, avisa negado o acesso a ele. Parece que a negativa acionou uma lógica persecutória que K já vinha apresentando, pois ele diz que “Com certeza os livros são códigos e é típico dessa espécie de tribunal que se condene não só quem é inocente, mas também quem não sabe de nada.”

Ela, surpreendentemente, mostra os livros que avisa negado o acesso pouco tempo antes. Esses livros não parecem nada especiais e nem contém códigos a serem decifrados. Simplesmente são livros velhos e sujos. Em um dos livros que Josef K abre, aparece uma cena obscena e, depois, pega outro com o título: “Os tormentos que Grete teve de sofrer com seu marido Hans”. O próprio K ironiza: “ São estes os códigos de lei estudados aqui (...), é por homens assim que devo ser julgado.”

A mulher se dispõe novamente a ajudar Josef K, mas ele não queria expô-la a nenhum risco ou perigo, afinal, o marido dela dependia daquele emprego. Ela diz para que ele não falasse mais dos perigos e, repentinamente, começa a falar que K tem belos olhos negros que chamaram sua atenção desde a primeira vez que ela o viu. Inclusive, diz que foi por isso que, inicialmente, ela entrou na sala de audiência.

Esses comentários levam K a pensar que ela, como os outros que estavam no dia do inquérito, também estava corrompida, já que ela estava se oferecendo a ele. Isso faz com que K fique um pouco ofendido e lhe diga que ela não pode ajuda-lo, pois, certamente, só conhecia funcionários subalternos. Ainda assim, diz que ela o agrada, mas que ela pertence ao grupo que ele precisa combater. E complementa falando que ela está muito bem nesse meio e que ela ama aquele estudante – se não o ama, pelo menos, o prefere do que ao marido.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

O tom dessa cena é meio dramático e soa como uma acusação. A mulher nega e diz que K não pode ir embora com um julgamento falso sobre ela. Ele reforça que não quer que ela intervenha em seu processo e diz que o “resultado do processo não me interessa em nada e que vou apenas rir de uma condenação. Supondo que o processo chegue realmente a algum termo, do que eu duvido muito. Tendo muito mais a acreditar que, por preguiça, negligência ou talvez até mesmo por medo dos funcionários, o processo tenha sido sustado ou então que o será dentro em breve. Seja como for, também é possível que tenha um prosseguimento de fachada, na esperança de um suborno maior, o que é inteiramente inútil, como já disse hoje, pois não suborno ninguém.” Inclusive, ele fala para ela comunicar ao juiz de instrução que ele jamais vai se deixar levar pelo suborno.

Josef K ainda pergunta se ela conhece mesmo o juiz de instrução, que o responde que sim. A mulher ainda complementa que, inclusive, sua oferta de ajuda foi para falar com o dito juiz, mas que não sabia que ele era apenas um funcionário subalterno – pois, já que K disse que ela só conhecia funcionários assim, provavelmente, deveria ser verdade. Entretanto, não podiam acusar esse juiz de preguiçoso, porque ele escrevia muitos relatórios e os enviava para superiores.

Ela comenta que, no último domingo (dia da audiência de K), o juiz ficou escrevendo até à noite e que ela teve que lhe emprestar um lampião para ele continuar escrevendo (ainda diz que ele só devolveu tarde da noite, indo até a cama dela para devolver). Ela ainda frisa que o juiz de instrução escreveu muito sobre K e “relatórios extensos como esses não podem ser completamente desimportantes.” A mulher ainda revela que, talvez, pudesse influenciar o juiz de instrução porque ele lhe cortejava – no dia anterior mesmo, ele havia lhe enviado (por aquele estudante) umas meias de seda.

No meio dessa conversa, o estudante de direito (Berthold) aparece na porta – era a primeira vez que Josef K encontrava um estudante de direito e pensa: “um homem que um dia, com certeza, chegaria a altos cargos burocráticos” (novamente, a promessa de poder é colocada em destaque). O estudante ignora K e acena para a mulher, que cochicha para K não ficar chateado, pois ela precisava ir ao encontro deste homem abominável. Ainda sinaliza que, na volta, K poderia fazer o que quisesse com ela.

Essa mulher atrai Josef K que “não encontrava nenhum motivo palpável para não ceder a essa atração.”, parecendo que já pouco importava ela ser casada e sua possível ligação com o grupo que ele supostamente precisaria combater dentro de sua lógica persecutória. K começa a pensar que, talvez, não houvesse vingança melhor contra o juiz de instrução e contra os demais que ele tomar essa mulher para si.



Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

Nessa lógica absurda, ele pensa em tomar posse dessa mulher, como se ela fosse um mero objeto, seria a melhor vingança contra todos. O sexo é algo de uma transação – a mulher cede ao estudante pela promessa de poder que ele tem; e K pode ter relação com ela pela possibilidade de vingança que o daria poder. Teoricamente, K queria combater o grupo que o acusava, mas quando a mulher e o estudante estão juntos na sua frente –inclusive, o estudante ignora a presença de K e beija o pescoço dela – K fica incomodado, se levanta e anda de um lado para outro. Esse comportamento, ao invés de constranger o estudante, o faz dizer que se K está impaciente seria melhor ir embora. E ainda complementa que K deveria era ter saído assim que ele, Berthold, entrou.

A promessa de um futuro poder desse estudante é ressaltada pela mulher, por Josef K e por ele próprio que já apresentava uma arrogância de um futuro funcionário da justiça reportando-se a um acusado malvisto. Entretanto, K não se intimida e até tenta retomar a mulher do estudante, que a coloca em um braço e corre com ela, o que, obviamente, deixa K bastante irritado. A mulher ainda diz que não adianta, pois o juiz de instrução que mandou busca-la (e palavra de autoridade não se questiona). K fica tão furioso que dá um golpe nas costas do estudante, mas, ainda assim, o estudante vai embora com a mulher.

Diante disso, K reconhece que essa como sua primeira derrota indubitável diante dessas pessoas. E ainda pensa que “só tinha sido derrotado porque havia procurado o confronto.”. Se tivesse em casa, em sua vida habitual, seria superior a qualquer uma dessas pessoas. O ponto importante, talvez, seja não se importar e seguir a própria vida.

Para ficar ainda mais bizarro, Josef K começa a imaginar o estudante ajoelhado com as mãos juntas na cama de Elsa, como se pedisse clemência. Ele gosta tanto de pensar nisso que decide que, se tivesse oportunidade, levaria o estudante à casa de Elsa. Enquanto imagina isso, o estudante leva a mulher por umas escadas para um local que parecia um sótão. K fica parado, pensando que a mulher o enganou, até notar um pedaço de papel na escada que estava escrito com uma letra infantil “acesso aos cartórios dos tribunais”.

Apesar do absurdo do cartório ficar em um sótão, Josef K sentia uma certa tranquilidade em pensar que aquele tribunal, que lhe julgaria, não tinha tanto recurso. Ainda pensava na possibilidade dos recursos terem sido desviados pelos funcionários, o que seria uma desmoralização e algo degradante, porém, ainda assim, mais tranquilizador do que a possível pobreza do tribunal. Ao constatar que o cartório ficava no sótão daquele prédio, com uma aparência de pobreza, Josef K pensa que fazia sentido que tivessem se envergonhado de lhe convocar e, por isso, talvez, tivessem lhe importunado em sua casa.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

Enquanto pensava sobre tudo isso, o marido da mulher que o estudante levou, que era oficial de justiça, chega, cumprimenta K e lhe pergunta se não tinha visto sua esposa. K conta que o estudante a levou e o oficial reclama sobre essa situação que tanto detesta. Comenta até que sonha em prensar o estudante na parede, mas diz que sabe, na realidade, que ninguém teria coragem de dar uma surra no estudante, pois temiam o poder dele (isto é, o futuro poder). Ainda complementa que só um homem como K seria capaz disso, afinal, ele é um acusado.

O oficial diz que a sua esposa é a maior culpada, pois ela se apegou ao estudante e complementa: “Minha mulher, no entanto, é a mais bonita de todo o prédio, e logo eu não tenho o direito de me defender. — Se é assim, então não há solução — disse K.”. Isto é, diante desse absurdo, o oficial acha que não tem direito de se defender e vai seguindo com sua vida.

O oficial diz que tem que se apresentar ao cartório e pergunta se Josef K não quer ir junto, que, mesmo dizendo não ter nada que fazer lá, segue com o homem. O sótão é dividido por umas tábuas de madeira e dava uma impressão bem malfeita. As pessoas que estavam lá se levantam quando eles passam – talvez, achassem que ele era uma autoridade. Eles eram acusados, ou seja, colegas de K, como ele mesmo pensa.

K pergunta a um senhor o que ele estava esperando e o homem ficou meio confuso: “a interpelação inesperada deixou o homem confuso, o que parecia tanto mais penoso porque se tratava obviamente de uma pessoa com experiência do mundo, que em qualquer outra parte sabia sem dúvida se dominar, e que não abdicava facilmente da superioridade que havia conquistado sobre muitos. Mas aqui ele não sabia responder a uma pergunta tão simples e ficou olhando para os outros como se estes tivessem obrigação de ajudá-lo e como se ninguém pudesse exigir dele uma resposta, caso essa ajuda não viesse.”

O oficial intervém para que o senhor, que havia ficado tão desnorteado, respondesse e ele diz que apresentou provas referentes à sua causa há um mês e estava, agora, esperando o resultado. Josef K começa a palpitar sobre o caso do senhor, dizendo que ele parece estar dando muita importância (apresentando provas) e o homem confirma. Então, K diz que também é acusado, mas não apresentou nenhuma prova. Ele complementa falando ao homem que não deve acreditar nessa acusação, que lhe responde que deveria sim, com uma voz que era mais medo que convicção.

Curiosamente, Josef K, desde o primeiro capítulo, é influenciado pela questão do poder e da assimetria entre as pessoas. Nessa cena do sótão/cartório com o senhor, o narrador diz que “inconscientemente estimulado pela postura humilde do homem, pegou-o pelo braço, como se



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

quisesse forçá-lo a acreditar. Mas não pretendia causar-lhe dor, apenas o segurava bem de leve; apesar disso o homem gritou, como se K. o tivesse agarrado, não com dois dedos, mas com uma tenaz incandescente. Esse grito ridículo deixou K. de uma vez por todas saturado; se não acreditavam que era acusado, tanto melhor, talvez o tomassem até por um juiz. E então, para se despedir, pegou-o de fato com firmeza, empurrou-o de volta ao banco e continuou andando. — A maioria dos acusados é tão sensível — disse o oficial de justiça.”

Essa cena gerou um alvoroço – pessoas vieram para o entorno do acusado e um guarda se aproximou por causa dos gritos – mas Josef K seguiu seu caminho com o oficial de justiça. Logo em seguida, K diz que quer ir embora, pois já viu tudo o que precisava do espaço. O oficial contra-argumenta que ele ainda não viu tudo, mas K quer ir embora e pergunta como se chega à saída. O oficial indica o caminho, mas K pede que ele lhe acompanhe para não errar. Porém, o oficial diz que aquele era o único caminho e que não acompanha-lo, pois precisava apresentar um relatório.

Josef K. insiste com o oficial, como se fosse obrigação dele ajudá-lo a sair. Uma jovem percebe o mal-estar de K e pergunta se ele está tonto e não quer se sentar. Ela ainda fala que quase todos se sentem mal quando vão aquele lugar pela primeira vez – o ar era sufocante, quase irrespirável, “mas as pessoas no fim se acostumam muito bem ao ar”. Quando ele voltasse pela segunda ou terceira vez, quase não iria sentir o abafamento.

Essa jovem ainda se oferece para levar Josef K a enfermaria, mas ele recusa. Um homem que estava próximo diz que o mal-estar de K deve ser pelo local e que seria melhor levá-lo para fora do cartório. K concorda, dizendo que ficaria melhor se o levassem até a porta e pede que o conduzam, pois ele se sentia mal quando se levantava só. K até levanta os braços para facilitar a tarefa de lhe conduzirem, mas o homem que havia dito aquilo riu alto com as mãos nos bolsos e diz: “acertei no alvo. Este senhor só se sente mal aqui e não em toda parte.”

A moça ainda tenta amenizar a situação, dizendo para Josef K não levar as risadas daquele homem a sério e que ele era o encarregado de informações – tinha respostas para todas as perguntas, além de vestir roupas elegantes (tinham feito uma cota para que ele pudesse se vestir bem assim, para causar uma boa impressão, mas que a sua risada o atrapalhava nesse quesito. Esse homem diz que não era uma pessoa ruim, falando que: “Talvez nenhum de nós seja duro de coração, gostaríamos talvez de ajudar a todos, mas como funcionários do tribunal damos facilmente a impressão de que somos empedernidos e não queremos ajudar ninguém. Sofro muito com isso.”.



Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

De fato, o encarregado de informações e a moça ajudam Josef K a se levantar. O homem ainda diz que K perdoaria coisas ainda piores que sua risada se ele o levasse para fora, mas K simplesmente não responde: “tolerava que os dois tratassem dele como de um objeto, isso era até preferível. Mas de repente sentiu a mão do encarregado de informações num braço e a mão da moça no outro. — Levante-se, frágil criatura — disse o encarregado de informações. — Agradeço muito a ambos — disse K. contente e surpreso.”

Eles vão se encaminhando para a saída e cruzam no corredor com aquele acusado que Josef K interpelou de modo um pouco arrogante. K fica um pouco envergonha de sua situação, mas como estava mal, só segue. Em determinado ponto, K não entendia o que o encarregado e a moça estavam falando com ele até escutar melhor a frase: “Primeiro ele quer ir embora, mas depois você pode dizer cem vezes que a saída é aqui que ele não se mexe.” Nesse momento, ele percebe que estava diante da porta de saída aberta pela moça.

Josef K agradece, aperta a mão de ambos e, finalmente, sai. Nesse momento, percebe que eles não suportavam muito o ar vindo de fora (como se tivesse se acostumado com o ambiente claustrofóbico do sótão – como disse o oficial de justiça, o ar da opressão parece mais aceitável que o ar da liberdade). K ajeita o cabelo e o chapéu, e desce a escada tão disposto que quase fica com medo dessa reviravolta: “Não rejeitou completamente a ideia de ir a um médico na próxima oportunidade, mas seja como for ele queria – e aqui podia aconselhar a si mesmo – empregar melhor do que esta todas as futuras manhãs de domingo.”

Dessa forma, encerra-se o terceiro capítulo. Na sequência, começa o quarto capítulo – intitulado de A Amiga da Senhorita Bústner. O narrador revela que na semana após o inquérito, Josef K queria falar com a senhorita Bústner, mas não conseguia nenhuma oportunidade, seja porque ela o evitava ou os horários deles não coincidiam – ele tentou voltar direto do trabalho e acordar mais cedo, mas nada dava certo.

Então, K escreve uma carta a senhorita Bústner para justificar seu comportamento e se oferece para dar qualquer satisfação. Ainda promete jamais ultrapassar os limites que ela impusesse. Ele só queria a oportunidade de falar com ela e diz que, no próximo domingo, aguardaria o dia inteiro no seu quarto alguma resposta dela, fosse para atender ao seu pedido ou uma explicação de porquê não poderia fazê-lo. Entretanto, Josef K não obteve retorno de sua carta.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

No domingo, há uma movimentação incomum na pensão: uma alemã chamada Montag, que era professora de francês, estava se mudando para o quarto da senhorita Bústner. Josef K fica sabendo disse através da senhora Grubach, quando ela vai deixar o seu café da manhã – isso seria bom, pois ficaria com um quarto desocupado, no qual ela poderia instalar seu sobrinho que estava dormindo na sala.

Enquanto conversam, o leitor fica sabendo que a senhora Grubach sofreu nos dias que ficou sem falar com Josef K por conta da breve discussão que tiveram. K diz que ambos se equivocaram e que ele não ficaria intrigado com ela por causa de uma jovem desconhecida. No meio do diálogo, K fala a senhora Grubach que “A senhora parece me considerar supersensível pelo fato de não poder suportar essas andanças da senhorita Montag” (lembrando que, no cartório, o oficial de justiça havia dito que a maioria dos acusados é tão sensível).

Em determinado momento, a criada bate à porta e diz que a senhorita Montag queria trocar algumas palavras com Josef K e pede para ele ir à sala de refeições. K pede para senhora Grubach levar a louça, ainda que não tenha comido quase nada (assim como no dia que foi detido e no dia da audiência), para que ele pudesse se trocar e ir ao encontro da senhorita Montag.

Quando chega a sala para o encontro, a senhorita Montag diz que o motivo da conversa é a pedido da senhorita Bústner, que era sua amiga. Ela conta que a senhorita Bústner queria vir pessoalmente, mas estava se sentindo um pouco mal e diz que o encontro que K queria com ela era desnecessária, que ninguém lucraria com isso e que ele mesmo, depois, reconheceria a falta de sentido disto.

Enquanto eles conversam, o capitão Lanz, sobrinho da senhora Grubach, chega e beija a mão da senhorita Montag. Essa atitude parece fomentar alguns pensamentos persecutórios em Josef K: “para ele, o beijo de mão a unia a um grupo que, sob o aspecto da mais extrema inocência e desinteresse, queria apartá-lo da senhorita Bústner.”

Josef K ainda pensava que “sabia que a senhorita Bústner era uma simples datilógrafa que não iria lhe oferecer resistência por muito tempo.” Esses pensamentos mostram o erro de julgamento de K. Ele está, o tempo todo, se colocando em alta estima e desconsiderando ou inferiorizando a importância dos outros. Depois desse encontro com a senhorita Montag, Josef K se retira para o seu quarto e, no caminho, bate na porta do quarto da senhorita Bústner, mas ninguém atende.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 3

A senhorita Montag e o Lanz permanecem na sala de refeições, e eles “conversavam em voz baixa e acompanhavam os movimentos de K. com olhares como aqueles que as pessoas lançam distraidamente em volta durante uma conversa. Porém esses olhares pesavam muito sobre K. e ele se apressou em ir para o seu quarto andando ao longo da parede.”. E assim finaliza o quarto capítulo de O Processo.

Alguns apontamentos importantes sobre essa terceira parte.

- Três mulheres já estiveram em destaque na obra: a Elsa, a lavadeira/ mulher do oficial de justiça e a senhorita Bürstner. Josef K já foi privado, em um dia, em ir ver a Elsa, pois queria voltar mais cedo para tentar encontrar a senhorita Bürstner. Ele também foi privado da presença/companhia da lavadeira, por mais que ela tenha demonstrado interesse por ele, por conta do estudante de direito. E, por fim, a senhorita Bürstner, por mais que K a tenha beijado, o priva de sua presença após essa mudança/sumiço.
- A atmosfera apresentada nos cenários que remetem ao inquérito e ao cartório é pesada/sufocante e de mal-estar, remetendo a sensação de esmagamento. Enquanto esteve no sótão, Josef K se sentiu mal e incapacitado, inclusive, de sair sozinho, precisando ser carregado pelos braços, a mercê de pessoas vinculadas ao tribunal.
- Algumas peças narrativas e personagens também foram melhor inseridos, como a lavadeira, o marido/oficial de justiça, o estudante de direito, a senhorita Montag e o capitão Lanz. Resta saber qual o impacto disso para Josef K ou se são passagens aleatórias para compor o caos da narrativa.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 4

A parte quatro do material de apoio é referente aos capítulos 5 (O Espancador) e 6 (O tio. Leni). O capítulo 5 inicia com uma cena bem inusitada. Em uma noite em que Josef K ficou no escritório trabalhando até mais tarde, ele escutou uns gemidos enquanto passava por um corredor (que separava seu escritório da escada principal) que vinham de um pequeno cômodo, como se fosse um quarto de despejo. K, movido pela curiosidade que o barulho lhe causou, abre a porta desse cômodo de vê três homens curvados sob o teto baixo.

Dois desses homens eram os guardas que o comunicaram da sua detenção (Franz e Willem). O terceiro homem que estava no cômodo era um espancador. Ele estava vestido com uma roupa de couro no estilo de um carrasco e segurava uma vara na mão. Franz e Willem seriam espancados por ele, pois Josef K havia se queixou deles ao juiz de instrução.

A cena é bastante bizarra. Causa a impressão de que o tribunal e acusação/processo de Josef K vai invadindo a sua vida em todos os lugares e julgando/envolvendo outras pessoas, dando um tom de onipotência e onipresença. Parece um poder cruel e sem limites – os guardas receberam uma pena de espancamento por uma suposta queixa de K, demonstrando também a desproporcionalidade da pena e evidenciando a crueldade do sistema.

Josef K tenta argumentar com o espancador que não prestou queixa contra eles, apenas relatou o que aconteceu no dia que eles foram a sua casa e a forma duvidosa como agiram. Também relata que não sabia que haveria essa consequência ao seu relato. Isto é, K se sente culpado por algo que nem sabia que poderia ocorrer.

O guarda Willem tenta justificar seu comportamento no dia que esteve na casa de Josef K falando: “soubesse como somos mal pagos faria melhor juízo de nós”. Também diz que tem família e que o Franz queria casar, por isso, buscavam ganhar um dinheiro extra. Willem assume que se interessou pelas roupas de K e que a tradição é que roupas brancas pertencessem aos guardas e “além do mais é compreensível, pois o que significam essas coisas para quem teve a infelicidade de ser detido? Mas se a pessoa traz isso a público, então a punição também tem de vir.”

Nessa fala, fica evidente que o problema não é o fato em si, mas o conhecimento de outras pessoas sobre isso. Não é um sistema moral – a culpa só existe se houver o flagra e se vier à tona. Josef K, que não sabia de nada disso, não exigiu nenhuma punição. Porém, Willem insiste que eles só estão sendo punidos por causa da denúncia de K, ou seja, a culpa é dele e não do sistema, que é inquestionável.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 4

Ele ainda comenta que eles eram bons guardas e tinham perspectiva de progredir de cargo, virando espancadores – como o terceiro homem do cômodo que teve a sorte de não ser denunciado por ninguém. Porém, por causa de K, tudo estava arruinado e eles iriam receber pancadas e teriam que ficar nus. O espancador diz para não se convencer por esses discursos, pois a progressão de cargo não seria possível e diz: “A punição é não só justa como inevitável”.

Apenas um detalhe: esse espancador era só uma parte pequena e substituível desse sistema. Não é apresentado, sequer, o nome dele ao leitor. Entretanto, esse sistema cruel – com pena desproporcional e em um local totalmente inadequado – parece normal para ele. Essa punição, por exemplo, é vista como justa e inevitável.

Diante de toda aquela cena, Josef K ainda pergunta se não há possibilidade de poupar os dois do espancamento e chega a oferecer dinheiro para deixar os homens irem embora – justamente ele que havia dito que era totalmente contra suborno. O espancador não aceita, pois K poderia denunciá-lo depois. Seu pensamento de que a punição é justa e inevitável, significa que se ele cede, seria justo ele sofrer o mesmo.


Josef K ainda insiste que nunca quis que eles fossem espancados e diz que: “De fato não os considero culpados, culpada é a organização, culpados são os altos funcionários.” K ainda complementa que se o espancador tivesse açoitando um juiz, ele lhe pagaria para bater mais forte. O espancador até acha a fala do K. plausível, mas afirma que faz o que foi contratado para fazer e não se deixa subornar, denotando que ele não questiona o sistema de modo algum.

Nessa cena, Franz se aproxima de Josef K, pendurando-se no braço dele, e diz que se não conseguisse fazer com que os dois fossem poupados, que procurasse, ao menos, libertá-lo. O Willem já era mais velho e tinha sido espancado outra vez. Porém, ele (Franz) nunca tinha sido desonrado assim e estava envergonhado, pois sua noiva o esperava lá fora.

Nesse momento, Franz leva um golpe do espancador e grita muito alto, de modo que todos poderiam ter escutado no prédio. Isso perturba K que fala para ele parar de gritar, bate nele e sai rapidamente da sala. Do lado de fora, dois funcionários vão se aproximando e Josef K fecha a porta e abre a janela, tentando disfarçar e falando que era o barulho de um cachorro na rua. Ainda diz para os colegas retornarem ao trabalho.



Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 4

Apesar dessa atitude, Josef K ficou pensando pesaroso sobre não ter conseguido impedir o espancamento, embora concluísse que não era sua culpa. Se Franz não tivesse gritado, ele, provavelmente, teria conseguido persuadir o espancador. Porém, os gritos de Franz chamariam a atenção dos funcionários e iriam expor K nessa negociação. Ninguém poderia exigir isso de K. Enquanto K estava sob julgamento, tinha que permanecer inviolável a todos os funcionários do tribunal.

Essa atitude denota como Josef K esteve disposto até a subornar o espancador, algo que ele já tinha dito ser contra antes, mas se mostra incapaz de se expor socialmente por causa da atrocidade que ele testemunhou. Antes de ir embora, K pensa em retornar ao quarto de despejo, que agora estava em silêncio – o que poderia ser um mau sinal – mas “prometeu no entanto voltar ao assunto e, na medida das suas forças, castigar como mereciam os verdadeiros culpados, os altos funcionários, nenhum dos quais ainda tinha ousado se mostrar a ele.” Então, Josef K volta para casa, mas fica pensando nos guardas.

No dia seguinte, não consegue se concentrar no trabalho e, antes de ir embora, abre o quarto de despejo e, surpreendentemente, tudo estava exatamente igual como na noite anterior – os dois guardas e o espancador. Essa cena evidencia o absurdo prolongado da punição imposta aos guardas e uma temporalidade para além da usual, operando em um nível além da compreensão humana e do real.

Depois de ver essa cena, que parece quase um sonho, Josef K simplesmente fecha a porta e fala para uns funcionários limparem o quarto de despejo. Eles respondem que limpariam no dia seguinte. K vai embora do trabalho exausto e sem pensar em nada, finalizando, assim, o capítulo cinco.

O capítulo seis, chamado de O tio. Leni, inicia contando que, em determinada tarde, quando Josef K estava no trabalho, seu tio Karl, um proprietário rural, entra em sua sala. Esse tio havia sido seu tutor e K se sentia na obrigação acolhê-lo para pernoitar na sua casa sempre que ele vinha à cidade, evidenciando o caráter transacional (uma espécie de interesse ou dívida) das relações de K. Ele recebia o tio não pelo sentimento de bem-querer, mas pela obrigação de fazer o que era esperado.

Seu tio Karl pede para falar a sós com Josef K e expõe que Erna, sua filha, havia lhe escrito para contar que soube de um processo contra o K. O Karl lê a carta da filha que, em uma passagem, diz que, no seu aniversário, K lhe deu uma caixa de chocolates (que, depois, é revelado ao leitor que K esqueceu desse aniversário e a história do chocolate havia sido contada para protegê-lo). Na carta, ela também relata que fazia tempo que não via K e foi ao banco, mas ele estava ocupado e ela ficou



Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 4

esperando para vê-lo. Depois de uma longa espera, ela perguntou a um funcionário se ainda demoraria e o funcionário lhe disse que provavelmente sim, pois se tratava de um processo movido contra ele, procurador do banco.

Ao saber disso, Erna perguntou ao funcionário se ele não estaria enganado, mas o funcionário confirmou que era um processo contra Josef K e, se não estava enganado, era grave, mas não sabia mais do que isso. Ele mesmo queria ajuda-lo por ser uma pessoa boa e correta, mas não sabia como e desejava que pessoas influentes se ocupassem disso. Ainda disse que, provavelmente, tudo acabaria bem, mas, por enquanto, a deduzir pelo humor do procurador, as coisas não iam bem.

Erna relata que não deu muita importância a essa fala e que proibiu o funcionário de contar isso a outras pessoas, mas que escrevia ao pai porque, talvez, fosse interessante que ele cuidasse desse assunto quando viesse à cidade. Por isso, Karl resolveu ir à cidade para averiguar e cuidar do caso. Josef K confirma ao tio sobre o processo, que fica muito preocupado e indignado pela calma do sobrinho, que argumenta que: “Quanto mais calmo eu ficar, tanto melhor o resultado”.

Ao mesmo tempo, o tio fica meio indignado com a calma de Josef K que beira a indiferença e diz: “Quando se olha para você, quase que se acredita no ditado: “Ter um processo desses já significa tê-lo perdido”. K responde que “a excitação é inútil, tanto da sua parte como seria da minha. Com excitação não se ganham processos”.

O tio Karl estava bem nervoso com o processo. Ele pergunta como foi que aconteceu e diz “Essas coisas não acontecem de repente, elas têm um tempo longo de preparação, deve ter havido sinais antes, por que não me escreveu?”. Josef K era um orgulho para a família e não poderia se tornar a desonra, pois um processo como esse mancharia o nome da família (ou seja, o tio também é muito sensível as convenções sociais). Enquanto falava, o tom de suas palavras vai deixando K constrangido e diz para eles saírem daquele lugar, mas que responderia todas as perguntas, afinal, “Sei muito bem que devo satisfações à família.”

Eles saem do trabalho de Josef K e este explica ao tio que não queria falar disso na frente das pessoas. K compartilha que: “não se trata absolutamente de um processo perante o tribunal comum.”. O tio diz que isso é um mau sinal e que K deveria ter lhe procurado. Ainda sugere que o sobrinho tire umas férias no campo com ele, pois ficaria fora do alcance do tribunal. Embora pudessem enviar cartas e telegramas, K teria uma tranquilidade maior para responder.



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 4

Entretanto, Josef K não queria ir ao campo de férias e diz ao tio que “eles” poderiam proibi-lo de viajar. O tio ainda argumenta que: “Não acredito que o façam – disse o tio, pensativo. – Não é tão grande assim a perda de poder que sofrem com a sua partida.” – mais uma passagem que evidencia a pouca importância de K. O tio, que estava visivelmente preocupado, o lembra o que significaria perder um processo para ele e para a família. Por isso, K. concorda em seguir as orientações do tio, em tudo, mas adianta que não considera vantajosa a estadia no campo.

O tio decide levar Josef K. até o escritório do advogado Huld, que foi seu amigo na escola. Esse advogado atuava em causa de pessoas mais pobres, o que desagrada K. – reafirmando sua postura meio soberba. K. ainda comenta que não sabia que em uma causa como essa era possível recorrer a um advogado.

O escritório do advogado ficava na própria residência dele e era localizado no mesmo subúrbio dos cartórios. Quando eles chegam e batem à porta, a criada fica hesitante em abrir. Um senhor do outro lado do corredor diz que o advogado estava doente. Apesar da hesitação, a moça, que se chamava Leni e era a cuidadora/enfermeira do advogado, abre a porta e confirma que o advogado estava doente. Ainda assim, eles entram e vão ao quarto do advogado Huld que estava na cama debilitado. Ele sequer reconheceu o amigo de imediato.

Esse advogado estava com problemas cardíacos, respirava com dificuldade e perdia força rapidamente. Ele diz que Leni cuida bem dele e é uma boa moça, mas o tio Karl não teve uma boa impressão dela e pede para ela se retirar, mas o próprio advogado intervém de que poderiam falar na presença de Leni. O tio explica que gostaria de falar sobre o caso do sobrinho, o procurador Josef K., e , então, o advogado pede para ela sair. Quando eles começam a conversar, o tio acha que Leni está escutando atrás da porta e vai checar, mas ela não estava.

O advogado pede desculpas, pois sequer tinha notado a presença de Josef K. – mais uma passagem para evidenciar como K. é insignificante. Essa cena também é interessante pela mudança de postura do advogado após saber o intuito da presença deles. Mostrava bem debilitado quando achava que era uma visita por causa de sua doença, mas, depois que soube o real motivo, parece ter retomado as forças – como se representasse o que esperassem dele.

O advogado diz que ficaria feliz se ele fosse suficiente para essa tarefa difícil de ajudar Josef K. e que iria tentar, mas que eles poderiam recorrer a outro. K. fica confuso com esse discurso dele e não entende como o advogado já sabia do seu processo e do grau de dificuldade. K. o questiona sobre isso



Material de Apoio



Parte 4

o advogado responde que, no meio jurídico em que atua, são falados sobre diversos processos e alguns chamam a atenção, ainda mais por se tratar do sobrinho de um amigo. Por isso, ele guardou na memória. Essa passagem parece implicar que o sistema judiciário não só era onipresente e onipotente, mas também onisciente.

O advogado ainda comenta que, mesmo debilitado, recebe visitas e fica sabendo das notícias. A cena ainda fica mais kafkiana, quando o advogado diz que estava com uma visita naquele instante e, somente nesse momento, que K. nota que, no canto do quarto, havia um senhor idoso sentado. Esse homem, por sinal, era o chefe do cartório.

Eles são apresentados e o chefe do cartório diz que só poderia ficar mais alguns minutos. Ele, o advogado e o tio ficam conversando, e pouco se preocupavam com a presença de K. No meio dessa cena, eles escutam um barulho e K. diz que vai ver o que aconteceu – segundo o narrador, como se desse aos demais uma oportunidade de detê-lo, mas, aparentemente, ninguém dá importância para essa fala ou a sua presença. O barulho havia sido causado por Leni que tinha jogado um prato contra a parede para fazer Josef K. sair. Eles começam a flertar, como em um jogo de sedução. Ela mostrasse muito interessada nele e ele corresponde.

Ela o leva até o gabinete do advogado e K. repara em um quadro que tem lá. Era a pintura de um juiz sentado em uma cadeira alta com uma postura altiva e a cor dourada se destacando em vários pontos. K. comenta que, talvez, aquele fosse o juiz do seu caso e Leni diz que o conhece, pois ele ia até a casa do advogado com frequência. Leni comenta que o quadro não é semelhante à realidade.

A poltrona que aparece na pintura, por exemplo, era referente a cadeira de cozinha onde o juiz estava sentado na hora que foi feito o quadro. O próprio juiz foi retratado de modo diverso à realidade e Leni diz: “O quadro é da sua juventude, mas nunca poderia ter sido nem mesmo semelhante ao retrato, pois tem uma estatura minúscula. Por isso se fez encompridar, pois é insensato e vaidoso, como todos aqui.” (os registros imagéticos são capazes de fazer contorcionismo de realidade. Historicamente, as pinturas não necessariamente retratam a realidade, mas a mensagem que se quer passar – poder, honra, glória, etc.).

Leni diz que o homem retratado é um juiz de instrução e eles começam a conversar sobre o processo. Leni o pergunta se ele pensa sempre no processo e K. responde que pensa muito pouco sobre isso. Leni aponta um erro que ele comete em relação ao processo que é ser inflexível (mais uma pessoa que parece saber e comentar sobre seu processo).



Material de Apoio



Parte 4

K. pergunta quem disse isso a ela, que responde que: “Revelaria coisas demais se o dissesse – respondeu Leni. Por favor, não pergunte nomes, mas corrija os seus erros, não seja mais tão inflexível, contra esse tribunal não é possível se defender, é preciso fazer uma confissão. Na próxima oportunidade, faça essa confissão. Só aí existe a possibilidade de escapar – só aí. No entanto, mesmo isso não é possível sem ajuda externa, mas não precisa se angustiar por causa dessa ajuda, eu mesma vou providenciá-la.”

K. questiona se ela não poderia ajudá-lo caso ele não fizesse a confissão, mas ela diz que não poderia, pois ele não queria a ajuda dela. Leni pergunta se K. tem uma amante. Inicialmente, K. diz que não, mas ela diz que ele tem sim. Então, ele confirma e mostra a foto de Elsa. Leni olha a foto e faz comentários ruins de Elsa (diz que, na foto, ela está com a cintura muito apertada, é desajeitada e grosseira), mas que deve ser meiga e amável com K. Leni ainda pergunta se Elsa se sacrificaria por ele e ele responde que não. Ainda diz que Elsa não é meiga nem amável e nem poderia se sacrificar por ele. Ele ainda complementa que nunca tinha olhado tanto a foto como Leni estava fazendo agora.

Leni diz que ele não se interessava tanto por Elsa e que não sentiria falta dela quando a perdesse ou a trocasse por outra, como por ela mesma. Mas K. diz que Elsa tem uma vantagem sobre Leni, pois não sabia nada sobre o seu processo e, mesmo que soubesse, não ficaria pensando nisso e nem tentaria lhe convencer a se tornar flexível. Leni responde que isso não é vantagem e muda de assunto.

Leni revela que tem um defeito físico: entre o dedo médio e anular, ela tem uma membrana que chegava quase a articulação superior. Mostra para K. apalpar o dedo. Ela não parece ter vergonha desse “defeito”. Curiosamente, diante disto, K. elogia, falando “que capricho da natureza” e beija a mão de Leni. Em Kafka, muitas vezes, as coisas possuem sentido contrário ao usual – uma anomalia física não causa repulsa, mas atração. O defeito, talvez, possa ser interpretado como uma marca de singularidade, um “capricho da natureza”.

Depois de beijar a mão dele, eles trocam carícias. K. chega a pensar que “Faço a corte a ajudantes, pensou quase com espanto; primeiro a senhorita Bürstner, depois a mulher do oficial de justiça e finalmente esta pequena enfermeira, que parece ter uma incompreensível necessidade de mim. Senta-se no meu colo, como se fosse o único lugar certo!”. Leni morde e beija o pescoço de K. Ainda fala que ele pertence a ela agora e, simplesmente, lhe entrega uma cópia da chave da casa, apesar de, pouco tempo antes, ter dito relutância em abrir a porta para ele e o tio. Depois de receber a chave, K. vai embora e sai do prédio.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

Parte 4

Quando ele está lá fora, seu tio Karl sai de um carro e o aperta pelo braço, perguntando como ele pode fazer isso, ficar escondido com uma coisinha suja, que certamente era amante do advogado. O tio lhe diz que ele prejudicou terrivelmente sua causa. Um ponto de reflexão sobre isso é que no primeiro inquérito, K. fala muito em seu discurso inflamado e prejudica o curso do processo; e agora, ele se ausenta e prejudica a possibilidade de ajuda ao processo. Parece que ele está sempre errado.

O tio diz que ele ficou fora durante horas – embora, durante a leitura, a impressão é que não havia sido tanto tempo. O tio estava indignado porque K. sequer tentou ocultar ou procurar um pretexto, enquanto ele, o advogado e o chefe do cartório estavam reunidos esperando pelo seu retorno. O tio comenta que os três ficaram muito tempo em silêncio, escutando se K. não voltaria mesmo.

Quando ficou claro que K. não retornaria, o chefe dos cartórios se retirou. O tio diz que isso teve um impacto no advogado também, que não conseguia nem falar quando se despediu e complementa: “Você provavelmente contribuiu para a completa derrocada dele, acelerando assim a morte de um homem do qual depende. E a mim, seu tio, você deixa aqui na chuva – sinta como estou ensopado: fez-me esperar horas e me atormentou de preocupação.”. Ou seja, K. é sempre o culpado. Dessa forma, finaliza o sexto capítulo.




Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CADERNO DE CITAÇÕES

- “A segurança deles só é possível por causa da sua estupidez.” (p.16)
- “Seria tão sem sentido se matar que, mesmo que desejasse fazê-lo, não seria capaz, por causa dessa falta de sentido.” (p.17)
- “estou muito surpreso, mas quando se está há trinta anos no mundo e foi preciso abrir caminho nele sozinho, como é o meu caso, fica-se endurecido diante das surpresas, e elas acabam não sendo levadas tão a sério.” (p.21)
- “então estar detido não é tão ruim” (p.26)
- “mãos femininas realizam muita coisa em silêncio”. (p.30)
- “o que não acontece neste mundo?” (p.30)
- estamos tão pouco preparados!” (p.31)
- "nunca ouço os preâmbulos" (p.36)
- “No fundo, as pessoas do partido da esquerda, que aliás eram menos numerosas, podiam ser tão pouco importantes como as do partido da direita, mas a tranquilidade do seu comportamento as fazia parecer mais importantes.” (p.55)
- "só é um processo se eu o reconhecer como tal." (p.56)
- “desse livro de acusações eu na realidade não tenho medo, embora ele seja inacessível a mim” (p.57)
- "Diante dessa falta de sentido do conjunto, como evitar a pior das corrupções entre os funcionários?" (p.61)
- “Com certeza os livros são códigos e é típico dessa espécie de tribunal que se condene não só quem é inocente, mas também quem não sabe de nada.” (p.66)
- “estou desculpada diante de todos os que me conhecem” (p.67)
- "só temo o perigo onde quero ter medo dele” (p.69)



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CADERNO DE CITAÇÕES

- “a senhora também me agrada bastante, principalmente quando me olha com tanta tristeza como agora” (p.70)
- “relatórios extensos como esses não podem ser completamente desimportantes.” (p.72)
- “só tinha sido derrotado porque havia procurado o confronto.” (p.76)
- “mas, via de regra, entre nós não se movem processos à toa” (p.80)
- “as pessoas sempre se rebelam” (p.80)
- “não levam o público em muita consideração”. (p.81)
- “mas as pessoas no fim se acostumam muito bem ao ar” (p.87)
- “acertei no alvo. Este senhor só se sente mal aqui e não em toda parte.” (p.89)
- “Quando já se viu tanta gente que negligencia vergonhosamente seu dever, aprende-se a ter paciência com pessoas como o senhor.” (p.92)
- “Na verdade, nós nos equivocamos mutuamente. Até com velhos amigos isso pode acontecer um dia.” (p.97)
- “Em geral as entrevistas não são nem concedidas, nem, ao contrário, recusadas. Mas pode ocorrer que se considerem as entrevistas desnecessárias, e neste caso é exatamente o que acontece.”
- “pois mesmo a mínima incerteza no assunto mais insignificante é sempre um tormento, e quando é fácil eliminá-la, como neste caso, então é melhor fazê-lo o quanto antes.” (p.102)
- “se soubesse como somos mal pagos faria melhor juízo de nós” (p.106)
- “a punição é não só justa como inevitável” (p.107)
- “Quanto mais calmo eu ficar, tanto melhor o resultado” (p.118)
- “Ter um processo desses já significa tê-lo perdido” (p.121)





Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

CADERNO DE CITAÇÕES

- "Com excitação não se ganham processos" (p.121)
- "Jovens tão altas e fortes não sabem ser outra coisa senão meigas e amáveis." (p.137)



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

DICAS COMPLEMENTARES - OUTROS CONTOS DE KAFKA:

Kafka foi um profícuo escritor de narrativas curtas, entre novelas, contos e micronarrativas de um parágrafo. Muitas desses escritos são emblemáticos e importantes para a compreensão do universo kafkiano, pois transporta o leitor a temas essenciais do seu estilo literário, como alienação, repressão, falta de sentido, esmagamento das liberdades individuais e situações labirínticas.

Por meio desses escritos curtos, é possível perceber como Kafka tinha um projeto literário sólido. Seus temas parecem expressar uma forma de pensar a existência absurda na terra. Todos esses temas serão abordados em *O Processo*, embora esteja seja uma narrativa muito mais longa e intrincada.

Como indicação, segue abaixo algumas narrativas curtas de Kafka, a maioria de leitura bem rápida, para os leitores que quiserem imergir ainda mais nos enredos kafkianos, ampliando o rol de reflexões em torno de *O Processo*.

- **A Construção:** esta novela foi escrita seis meses antes da morte de Kafka e, para muitos críticos, representa o suprassumo do mundo kafkiano. É uma história que representa um ser que se dedica obsessivamente à tarefa de construir e manter sua moradia subterrânea, mas que, ao longo do processo, esse trabalho vai perdendo o sentido e gerando as angústias e os labirintos desse ofício estafante.

Adquira aqui: <https://amzn.to/49ln4vS>

- **Um Artista da Fome:** neste conto, Kafka apresenta um artista que se especializa em jejuar como forma de arte, sendo admirado pelo público, mas que, mesmo com essa admiração, vai sentindo-se cada vez mais isolado e incompreendido pelo entorno.

Adquira aqui: <https://amzn.to/49ln4vS>

- **O Veredicto:** neste conto, por sua vez, ele explora bastante a relação de poder e autoridade entre um pai e seu filho, remetendo a relação hierarquizada entre ele e seu pai Hermann. É uma história incrível, com um “veredicto” aterrador e impactante ao extremo.

Adquira aqui: <https://amzn.to/4gzKfum>

- **Na Colônia Penal:** neste conto, um oficial de justiça, em visita a uma determinada colônia penal, se depara com um dispositivo de tortura que executa a punição de maneira muito elaborada e brutal. É realmente uma leitura indigesta e perturbadora, mas que representa bem o simbolismo Kafkiano sobre a força esmagadora das opressões estatais (inclusive, do judiciário – tema que voltará em “*O Processo*”) sobre o indivíduo.

Adquira aqui: <https://amzn.to/4gzKfum>



Leitura Dirigida
Por Maria Camila Moura

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Material de Apoio

  @mariacamilamoura

DICAS COMPLEMENTARES - OUTROS CONTOS DE KAFKA:

- **O Foguista:** neste conto (que é o primeiro capítulo do romance inacabado “Amerika ou o Desaparecido”), Kafka também retorna ao tema da justiça, já que o protagonista tenta interceder em socorro ao foguista de um navio a vapor, que está com problemas com a justiça. Essa tentativa rapidamente se transforma em um confronto caótico com a autoridade, e há uma questão aparentemente pequena tomando grandes proporções.

Adquira aqui: <https://amzn.to/3DevChA>

- **A Preocupação de um Pai de Família:** está é uma breve narrativa (que está na coletânea de contos “Um Médico Rural”), muito enigmática e profundamente simbólica de Kafka. Nele, o narrador (o “pai” do título) descreve uma estranha criatura chamada Odradek, que é uma espécie de monstrinho que ronda casas, formado por um carretel de linha quebrado, mas com características que sugerem uma entidade viva. A criatura parece não ter utilidade prática nem origem definida e existi apenas para si mesma, de forma errática e atemporal (como o sistema judiciário de “O Processo”). Isto é justamente a “preocupação” do pai: o porquê de Odradek, esse ser insignificante, é imortal, podendo perpetuar sua existência absurda enquanto o próprio narrador será esquecido e dilacerado pela morte.

- **Um Médico Rural:** este conto também retoma temas caros a Kafka, mas com um enredo menos usual na bibliografia kafkiana. Ele narra a angustiante experiência de um médico rural, que é chamado às pressas, em meio a uma nevasca, para atender um paciente gravemente ferido em uma aldeia distante. O conto é marcado por um clima de absurda desorientação, até mesmo tomando proporções meio surrealistas, com eventos desconexos e simbolismos que sugerem culpa, falhas éticas e a luta infrutífera contra a inevitabilidade da morte.

Adquira aqui: <https://amzn.to/3VFYFkw>

- **A Pequena Fábula:** essa breve narrativa de um parágrafo apenas, em que Kafka narra a história de um rato que se vê encurralado e, em sua busca por liberdade, acaba se deparando também com a inevitabilidade da morte.

Adquira aqui: <https://amzn.to/3DguFFP>

Enfim, esses contos, em sua diversidade temática, compartilham a verve da literatura kafkiana ao explorar a alienação, a opressão e a busca por sentido em um mundo muitas vezes indiferente e labiríntico.